

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ARIANE CAROLINE DA SILVA FIGUEIREDO

SENTIDOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POÉTICA URBANA
CACERENSE

Cáceres-MT

2025

ARIANE CAROLINE DA SILVA FIGUEIREDO

**SENTIDOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POÉTICA URBANA
CACERENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat), como requisito final à obtenção do Título de Mestra em Linguística.
Orientador: Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites.

Cáceres-MT

2025

© by Ariane Caroline da Silva Figueiredo, 2025.

F475s Figueiredo, Ariane Caroline da Silva.

SENTIDOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POÉTICA URBANA
CACERENSE / Ariane Caroline da Silva Figueiredo. - Cáceres,
2025.

91f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Mestrado Acadêmico,
Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: FLÁVIO ROBERTO GOMES BENITES.

1. DISCURSO; POESIA. 2. CIDADE; MEMÓRIA. 3. CÁCERES-MT. I.
BENITES, FLÁVIO ROBERTO GOMES. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81'1(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT

Catálogo de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

ARIANE CAROLINE DA SILVA FIGUEIREDO

**SENTIDOS DA CIDADE: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POÉTICA URBANA
CACERENSE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites

Orientador/Presidente

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta

Membro Interno/Avaliador

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL)
Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai

Membro Externo/Avaliador

Pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos – Labeurb/Nudecri
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

APROVADA EM: 12/09/2025.

Dedico este trabalho a todos(as) os(as) que colaboraram para sua construção. Primeiramente, à Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado (Unemat), pela oportunidade de crescimento profissional; ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL); à minha querida e estimada Profa. Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta, pelo apoio e incentivo; ao meu orientador Prof. Dr. Flávio Roberto Gomes Benites sem o qual não conseguiria concluir esta pesquisa, pela paciência, esforço e compreensão. E, por fim, dedico a todo o corpo docente e discente do PPGL, do qual fico lisonjeada em fazer parte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, pela minha vida e por me ajudar a enfrentar os obstáculos encontrados durante o curso.

À minha família, pelo incentivo e apoio.

Aos meus pais, Elisângela e Astrogildo, por me apoiarem nos estudos e me ensinarem que podemos vencer na vida por meio dos estudos.

À minha irmã, Amanda, pelo companheirismo e cumplicidade, por me incentivar todas as vezes que pensei que não conseguiria.

À minha filha, Aylana, uma menina muito perspicaz, amorosa e inteligente, que me ensina e me impulsiona sempre a ser forte e corajosa.

Ao meu filho, Ravi, que com tão tenra idade me ensina e estimula a ser resiliente e persistente.

Ao meu esposo e companheiro, Alexandre, que esteve ao meu lado ao longo do percurso. Obrigada por toda paciência e carinho!

Agradeço, também, à Unemat pela oportunidade de crescimento formativo e profissional.

Ao professor Dr. Flávio Benites, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com compromisso, responsabilidade e dedicação. Obrigada pelas contribuições tão importante para a conclusão da pesquisa.

Agradeço, em especial, à professora Dra. Ana Luiza Artiaga R. da Motta, que me conduziu à pesquisa desde o TCC. Este trabalho nasceu na graduação sob sua orientação e deu continuidade na pós-graduação, mas por motivo de saúde houve a necessidade de troca do orientador. Registro a minha alegria e satisfação em tê-la na Banca Examinadora, prestigiando o término de nosso trabalho, contribuindo e enriquecendo a pesquisa.

Ao professor Dr. Marcos Aurélio Barbai, por fazer parte da Banca Examinadora, enriquecendo a pesquisa com seus apontamentos, aprimorando o nosso trabalho.

Aos professores e professoras do PPGL, pelos ensinamentos, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa concedida, sem ela não conseguiria desenvolver esta pesquisa.

A todos que participaram, direta e/ou indiretamente, com o desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo o meu processo de aprendizado, muito obrigada.

*Eu não sou quem eu gostaria de ser;
eu não sou quem eu poderia ser, ainda,
eu não sou quem eu deveria ser.
Mas graças a Deus,
eu não sou mais quem eu era!
(Martin Luther King).*

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

MT	Mato Grosso
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PPGL	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Linguística
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
Unemat	Universidade do Estado de Mato Grosso
CLG	Curso de Linguística Geral

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Bacia do Sangradouro	43
---------------------------------------	----

QUADROS

Quadro 1 – Poemas de Natalino Ferreira Mendes	18
Quadro 2 – Poemas de Odair José da Silva	19
Quadro 3 – Poema de Antonio José Ferreira da Costa	20

RESUMO

Esta dissertação vincula-se à linha de pesquisa *Estudo de Processos Discursivos*, inscrita sob a área de *Estudo de Processos Linguísticos*, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat). Filia-se à teoria Análise de Discurso materialista que tem como fundador Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida por Eni Orlandi e outros pesquisadores, no Brasil. Este estudo toma como objeto de pesquisa a cidade, procurando observar, pelo discurso poético, os efeitos de sentido produzidos sobre a cidade de Cáceres. Busca-se compreender como a cidade se projeta *pelas* e *nas* formações imaginárias que constituem os poemas e pelos fios discursivos que os constituem no modo como retratam a cidade de Cáceres-MT. O estudo toma textos de três poetas que escrevem *sobre* Cáceres, como materialidade significante, quais sejam: *Pôr do sol cacerense* e *Às margens do rio Paraguai*, de Odair José da Silva; *Ilha de Cáceres* e *Córrego sangradouro*, de Natalino Ferreira Mendes; bem como *Cáceres e seus encantos*, de Antonio José Ferreira da Costa. Busca-se observar como os textos poéticos dão visibilidade à cidade e ao funcionamento dos sentidos do texto e da: “[...] cidade em seu real de significação” (Orlandi, 1999, p. 9). Dessa forma, sob o olhar discursivo, pode-se dizer que a cidade se caracteriza por um conjunto de gestos de leitura e interpretação. Ou seja, a cidade produz sentidos, que a atravessam pelo âmbito do discurso, em que a linguagem vai tomando corporeidade, demandando gestos de leitura e interpretação, pois na teoria discursiva a interpretação é posta em questão e a língua é sujeita a falhas e a sentidos outros. Na análise, observa-se diferentes efeitos de autoria, em que os sentidos da cidade são diferentes. Em Mendes (1993), percebe-se a inscrição de um sujeito que entrelaça o processo de colonização com a história da cidade, em uma tentativa de reforçar sentidos de pertencimento e de identidade cacerense. Nos textos poéticos de Silva (2016, 2023), o sujeito-poeta se constitui na relação da cidade e suas perdas (materiais, simbólicas, afetivas). A identificação com cidade, se dá justamente nas ausências e na consciência de que a cidade, ao se transformar, também o transforma, o sujeito se ressignifica e se modifica. No texto poético de Costa (2008), observa-se uma imbricação entre a posição-sujeito-poeta e os elementos culturais, ambientais e afetivos que constituem Cáceres. O autor mobiliza redes de significantes que resgatam memórias locais, ativam a religiosidade, os monumentos históricos e o rio Paraguai como marcas de identidade cacerense.

Palavras-chave: Discurso; Poesia; Cidade; Memória; Cáceres-MT.

ABSTRACT

This dissertation is linked to the research line "Study of Discursive Processes," within the area of "Study of Linguistic Processes," of the *Stricto Sensu* Postgraduate Program in Linguistics (PPGL) at the State University of Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado (Unemat). It adheres to the materialist Discourse Analysis theory, founded by Michel Pêcheux in France and developed by Eni Orlandi and other researchers in Brazil. This study takes the city as its object of research, seeking to observe, through poetic discourse, the effects of meaning produced on the city of Cáceres. It aims to understand how the city is projected through and within the imaginary formations that constitute the poems and through the discursive threads that constitute them in the way they portray the city of Cáceres-MT. This study uses texts by three poets who write about Cáceres as significant material: "Pôr do sol cacerense" and "Às margens do rio Paraguai" by Odair José da Silva; "Ilha de Cáceres" and "Córrego sangradouro" by Natalino Ferreira Mendes; and "Cáceres e seus encantos" by Antonio José Ferreira da Costa. The aim is to observe how these poetic texts give visibility to the city and to the functioning of the text's meanings and of the city in its "real meaning" (Orlandi, 1999, p. 9). Thus, from a discursive perspective, it can be said that the city is characterized by a set of gestures of reading and interpretation. That is, the city produces meanings that traverse it through the realm of discourse, where language takes on corporeality, demanding gestures of reading and interpretation, since in discursive theory interpretation is questioned and language is subject to flaws and other meanings. In the analysis, different effects of authorship are observed, in which the meanings of the city are different. In Mendes (1993), one perceives the inscription of a subject who intertwines the process of colonization with the history of the city, in an attempt to reinforce senses of belonging and identity in Cáceres. In Silva's poetic texts (2016, 2023), the poet-subject is constituted in relation to the city and its losses (material, symbolic, affective). The identification with the city occurs precisely in the absences and in the awareness that the city, in transforming itself, also transforms the subject; the subject is re-signified and modified. In Costa's poetic text (2008), an imbrication is observed between the poet-subject position and the cultural, environmental, and affective elements that constitute Cáceres. The author mobilizes networks of signifiers that rescue local memories, activate religiosity, historical monuments, and the Paraguay River as markers of Cáceres identity.

Keywords: Discourse; Poetry; City; Memory; Cáceres-MT.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	17
PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DA CIDADE DE CÁCERES-MT	17
1.1 O corpo da cidade	17
1.1.1 A cidade de Cáceres	21
1.2 Biografia dos poetas.....	26
CAPÍTULO II.....	30
LER DISCURSIVAMENTE A CIDADE.....	30
2.1 Cidade e análise de discurso materialista	30
2.2 A poesia da língua: discurso, sujeito e memória	35
CAPÍTULO III	51
ANÁLISE DISCURSIVA DO TEXTO POÉTICO	51
3.1 Os movimentos de sentido sobre cidade.....	51
3.2 O funcionamento discursivo do rio Paraguai nos textos poéticos de Natalino Ferreira Mendes.....	54
3.2.1 Texto poético 1: <i>Córrego Sangradouro</i>	55
3.2.2 Texto poético 2: <i>Ilha de Cáceres</i>	65
3.3 Pelas margens do sentido: o rio na voz do poeta cacerense Odair José.....	72
3.2.1 Texto poético 3: <i>Pôr do sol cacerense</i>	72
3.2.2 Texto poético 4: <i>Às margens do rio Paraguai</i>	75
3.4 Encantos discursivos de Cáceres: a poética urbana de Antonio José Ferreira da Costa.....	80
3.4.1 Texto poético 5: <i>Cáceres e seus encantos</i>	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa inicia-se a partir de um trabalho desenvolvido como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), na Escola Estadual *Professor Natalino Ferreira Mendes*. O trabalho foi desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental II, compreendido do 6º ao 9º Ano, em 2017, em data de aniversário da instituição de ensino em que teve, como proposição, um estudo sobre os textos poéticos do escritor Natalino Ferreira Mendes (1924-2011), sua biografia e importância histórica.

A obra *Anhuma do Pantanal* foi escolhida para retirada dos textos poéticos. Os alunos leram, debateram, realizaram uma visita ao escritório do Professor Natalino. Na oportunidade, foram honrados com uma palestra da filha e pesquisadora da vida de Natalino, a Professora Dra. Olga Maria Castrillon-Mendes, contando um pouco sobre a vida, publicações e obras do escritor. Posteriormente, foi realizada uma discussão sobre as leituras de alguns poemas, relacionando-as ao centro histórico da cidade de Cáceres. Nessa ocasião, também, foi feita uma visita a alguns monumentos históricos do centro da cidade, em seguida, os alunos produziram o seu próprio poema, que foi exposto no mural da escola como valorização da escrita, da cultura regional, incentivo à leitura além do reconhecimento ao memorialista.

Após a experiência vivenciada na escola, durante o trabalho do Pibid, desenvolveu-se um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tendo, como materialidade discursiva, os textos poéticos de Natalino Ferreira Mendes, retirados da obra literária *Anhuma do Pantanal*, dos quais foram selecionados três poemas: *As Lavadeiras*, *O Lampareiro*, *Córrego Sangradouro*. As leituras dos textos produziram inquietações possíveis no sentido de conhecer a cidade pela arte da língua(gem), pela prática de linguagem, através do discurso poético.

Esse trabalho permitiu enxergar o modo de vida urbana da época, a relação dos cidadãos com a cidade e seus sentidos, os movimentos, constitutivos do discurso. Os textos poéticos do historiador e poeta Natalino Ferreira Mendes, que participou efetivamente da constituição da cidade, tanto administrativamente quanto historicamente, nos dimensionam ao processo constitutivo da cidade, considerando o seu entrelaçamento com a escrita da cidade, a memória discursiva.

Assim, para a pesquisa desenvolvida no mestrado, a materialidade linguística foi ampliada, uma vez que se acrescentam mais dois poetas contemporâneos para compreender e ler o modo como a cidade vai sendo (re)significada em épocas distintas, dos quais: Odair José da Silva e Antonio José Ferreira da Costa.

Esta dissertação alinha-se à grande área da Linguística e respectiva linha de pesquisa *Estudo de Processos Linguísticos*, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), da Universidade do Estado de Mato Grosso *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat). Pesquisa que se filia à teoria de Análise de Discurso materialista que tem como fundador Michel Pêcheux (1938-1984), na França, e desenvolvida, no Brasil, por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi e diversos outros pesquisadores. A teoria tem, como objeto de estudo, o discurso, procura compreender a língua considerando a não transparência da linguagem, questionando a história, relacionando-a com a história na (re)produção de sentidos.

Este estudo toma, como objeto, o discurso poético da cidade e pensa na/pela materialidade simbólica o modo como a cidade se constitui e é projetada nos textos poéticos. Dessa forma, a pesquisa tem por objetivo geral compreender como a cidade de Cáceres-MT é significada nos poemas de escritores cacerenses. Os objetivos específicos foram: analisar como a cidade de Cáceres é historicizada nos textos poéticos; compreender como o sujeito-poeta estabelece relações de sentido entre a língua e a cidade; e problematizar o funcionamento discursivo da memória nos textos poéticos. Ou seja, a questão da pesquisa refere-se ao modo como a cidade (se) significa nos textos poéticos e como esses textos poéticos produzem sentidos para a cidade, considerando as condições de produção e a memória discursiva.

Assim, questiona-se, como a cidade se diz nos textos poéticos? Como o espaço urbano (se) significa na e pela formulação dos poemas? Como os sujeitos citadinos se relacionam com o urbano? Dessa maneira, são essas questões norteadoras que conduzem à análise do discurso da cidade de Cáceres.

Toma-se os poemas enquanto objetos simbólicos, ou seja, como materialidades significantes, buscando observar como o texto poético dá visibilidade à cidade e ao funcionamento dos sentidos do texto, procurando observar a: “[...] cidade em seu real de significação” (Orlandi, 1999, p. 9). Dessa forma, procura-se investigar como os enunciados produzem sentidos, buscando apreender o lugar da língua na relação entre sujeito-autor e os textos poéticos.

A Análise de Discurso ocupa esse lugar de questionar e não trabalhar com o que o texto quer dizer, mas sim em compreender como a linguagem funciona e produz sentidos. Funcionamento esse que se dá pela relação de estrutura e acontecimento, em que os elementos fundamentais nessa relação são a língua/ o sujeito/ a história, em que a exterioridade é constitutiva de qualquer textualização discursiva (Orlandi, 2004). Portanto, objetiva-se compreender o funcionamento da linguagem e sociedade a partir da materialidade escolhida.

Dessa forma, do ponto de vista discursivo, pode-se dizer que a cidade se caracteriza por um conjunto de gestos de interpretação, ou seja, a cidade (re)produz sentidos, (re)textualiza sentidos, os quais atravessam-na pelo discurso, no corpo citadino, tomando corporeidade, demandando gestos de interpretação, uma vez que, nesta teoria, a interpretação é posta em questão, a língua é sujeita a falhas, ao (re)produzir e (re)significar sentidos outros.

O *corpus* é constituído por cinco textos poéticos, a saber: *Pôr do sol cacerense* e *Às margens do rio Paraguai*, de Odair José da Silva; *Ilha de Cáceres* e *Córrego sangradouro*, de Natalino Ferreira Mendes; bem como *Cáceres e seus encantos*, de Antonio José Ferreira da Costa. Assim, seguiu-se à leitura e análise dos textos poéticos em suas condições de produção, bem como à relação intrínseca e possível da/na língua em funcionamento, a partir da posição-sujeito-poeta. Metodologicamente, pode-se dizer que as análises foram feitas através da descrição e interpretação, descrevendo a materialidade significativa e a interpretando pelo viés do discurso, alinhado à teoria a qual nos afiliamos. Dessa forma, a descrição e interpretação se enlaçam, para acessar o real da língua na produção de sentido; nas formulações discursivas pôde-se perceber as formações imaginárias da cidade, na relação entre sujeito, cidade, sentido, metáfora e esquecimento.

Assim como pontua Orlandi em seu artigo *Artefato, Metaforização e Ciências Humanas* “Interrogamos a interpretação e deslocamos o sentido de metaforização, o que a torna fundamental para o escopo da cientificidade. A questão da metáfora está implicada na questão da interpretação e no que torna possível a análise” (Orlandi, 2020, p. 33). Ou seja, pensa-se metáfora como transferência, em outros sentidos possíveis, equívoco da língua na produção de sentido, em que a metaforização funciona como instrumento científico, trabalhando o discurso como processo de significação determinado pelas condições de produção.

Percebe-se na materialidade escolhida, que a língua, na sua relação de constituição com o interdiscurso, produz um efeito de formação imaginária da cidade de Cáceres. Tal efeito ocorre pela criação imaginária, por vezes romantizada, da cidade, a memória discursiva. Sendo assim, toma-se o discurso poético de e sobre cidade, procurando interrogar como os discursos (re)produzem e (re)textualizam efeitos de sentido em dadas condições de produção.

Para essa análise e compreensão, a dissertação foi organizada em três capítulos e conclusão. O primeiro capítulo traz o percurso sócio-histórico da cidade de Cáceres-MT, discutindo o modo como ela se historiciza, do ponto de vista discursivo; discorrendo acerca das condições de fundação, sua ordem e organização, além das biografias dos escritores escolhidos. Dessa forma, busca-se apreender o lugar da língua(gem) na relação entre sujeito-autor e os textos poéticos, compreendidos, aqui, como os poemas, a materialidade simbólica de análise.

No segundo capítulo, apresenta-se os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso materialista, os quais fundamentam toda a reflexão da pesquisa, a ordem do simbólico e o real da cidade nas formações imaginárias.

No terceiro capítulo, observa-se os efeitos de sentido produzidos pela materialidade discursiva, procurando compreender como a cidade se projeta pelas formações imaginárias, pelos fios discursivos que os constituem no modo como retratam, pelo discurso, a cidade de Cáceres, em épocas distintas. A partir desses pressupostos, questiona-se o modo como se constitui pela arte da língua(gem) um imaginário de cidade pela interpretação.

Neste trabalho há contribuições de outras interfaces teóricas, como a literatura, para entender do poético na língua; a história, para entender sobre a constituição da cidade de Cáceres; a geografia, para compreensão hidrográfica; a sociologia, para compreender os fenômenos das cidades, de modo que essas interfaces colaboraram com o estudo linguístico.

CAPÍTULO I

PERCURSO SÓCIO-HISTÓRICO DA CIDADE DE CÁCERES-MT

Aborda-se neste capítulo o percurso sócio-histórico sobre a cidade de Cáceres-MT, discutindo o modo como ela se historiciza, do ponto de vista discursivo. Observa-se nos textos tomados para análise, as suas condições de produção, a ordem e organização. Entende-se que a cidade tem seus movimentos, sentidos e marcas que a constituem e a edificam enquanto estrutura social e histórica, considerando as condições de produção relacionadas ao que é da ordem do político e, também, do econômico, bem como as questões sociais, históricas e culturais que as permeiam. Dessa forma, a cidade é compreendida pelos sentidos, lugar de circulação e, ainda, de deslocamento e reformulação de sentidos.

Este capítulo tem por objetivo historicizar a cidade, abordar seu percurso sócio-histórico, as condições de fundação, seu crescimento, além de contextualizar os escritores dos poemas selecionados para a análise.

1.1 O corpo da cidade

*Construir cidades significa também
uma forma de escrita.
(Rolnik, 2009, p. 16).*

De acordo com Orlandi (2004), a cidade é compreendida como um espaço de interpretação e de interpelação em que o sujeito impõe, *sobre* ela e *a partir* dela, gestos de interpretação. A cidade reclama sentidos, não apenas acerca de seu espaço visível. Dizer *sobre* a cidade é dizer *sobre* os habitantes que nela vivem e se relacionam, pois estão imbricados de significados, se (re)significam a todo momento. Sendo assim, busca-se pensar sobre a significação do espaço da cidade, tomando como materialidade alguns poemas, tratados aqui como textos poéticos, que dizem *sobre* a cidade de Cáceres, observando os sentidos organizados e em constante movimento.

Os textos poéticos selecionados retomam a cidade em épocas diferentes. Com Natalino Ferreira Mendes, tem-se a publicação de *O Córrego Sangradouro* e *Ilha de Cáceres* no livro *Anhuma do Pantanal* de 1993, tendo em vista uma cidade em processo de urbanização. O escritor Odair José publicou os textos poéticos *Às margens do rio Paraguai* e *Pôr do sol cacerense*, de 2016 e 2023, respectivamente, em seu *blog Poesias cacerenses*, em que se dedica às histórias perdidas como as arquiteturas que não existem mais, até mesmo potenciais críticas em relação à degradação ao meio ambiente para se chegar ao progresso. O escritor José Ferreira

da Costa, por sua vez, com o texto *Cáceres e seus encantos*, publicado em 2008, na obra *Pantanal em versos e rimas* (2008), trabalha entrecruzando memórias (memórias de infância, da cidade, da arquitetura) e a história, do antigo ao contemporâneo, que se (re)significam nos textos poéticos. Nesse sentido, a partir das materialidades discursivas escolhidas, procura-se compreender como a cidade de Cáceres-MT é significada nos textos poéticos.

Assim, são apresentados, a seguir, Quadro 1, 2 e 3, com os poemas selecionados como *corpus* da pesquisa, para conhecimento:

Quadro 1 – Poemas de Natalino Ferreira Mendes

Texto poético 1 – Córrego Sangradouro	Texto poético 2 – Ilha de Cáceres
Da mata verdejante do oriente da cidade, surgias correntoso da velha “Ponte-Alta”, longa e estreita, de madeira, na passagem da hoje rua Frei Ambrósio. Sinuoso corrias por terrenos baldios, penetrando o quintal do meu avô, - meu paraíso de criança, e logo após te perdias nas águas do caudaloso Paraguai. Transbordante nas cheias de verão, eras o enlevo das crianças que em tuas águas correntosas alegres se banhavam. Quanta vez te vi amanhecer soberbo como um rio, impetuoso no teu imenso volume d’água, espumando nos rebojos, sobranceiro, ultrapassando a velha ponte de madeira do quintal dos meus folguedos. Velha ponte de troncos carcomidos tantas vezes arrancada e arrastada pela forte correnteza. Tinhas um destino - sangrar os campos das redondezas da cidade na época das chuvas. Já nas primeiras águas de verão ao entardecer dos dias que vão longe,	Ilha (Insula) Que dantes eras Formada pelas terras Da nacional fazenda de Caiçara. Língua de terra Que o rio Paraguai, Ao contorná-la, Sinuoso, Traçava um grande S (esse) Para banhar as antigas praias Da cidade cacerense de São Luiz. Era assim a paisagem No passado: - A cidade O porto As praias A península e sua mata, Ora enxuta, ora alagada pelas águas das enchentes, O rio que desce Desenhando um grande S (esse) Como sinal De rara beleza Da nossa pujante natureza. Mas um dia, ó península, Cortaram-te o cordão umbilical Que te prendia às terras de Caiçara. Foi a causa. A memória da urbe conservou Ciosa O ano em que te fizeram ilha, Desprendida da península: - Mil oitocentos e setenta e nove! Rasga-se o estreito istmo Que te ligava à fazenda nacional,

os batráquios em bandos, numerosos, rompiam em coro em tuas margens, formando barulhenta orquestra, em festival, que se prolongava pela noite adentro, até de madrugada, embalando-me o sono juvenil. Em meandros tangenciavas, caprichosos, a área urbana da cidade de São Luiz, deixando para o norte o mais antigo bairro cacerense - a Cavalhada. Hoje, retificado o leito e as margens asfaltadas, já não és o mesmo ribeirão de outrora. Ao teu destino de sangrar os campos se ajuntou a triste sina de coletor de resíduos da cidade. Mais de cinquenta anos lá se vão... Que mudança, meu pobre ribeirão! Fizeram de ti em canal com amplas avenidas laterais, mas não conseguiram dissipar o mau-cheiro que, morto, do teu leito se desprende. Do passado ... só ficou-te o nome - SANGRADOURO, e a saudade no coração da gente que te viu no esplendor das enchentes de verão (Mendes, 1993, p. 24-25).	E, livre Te tornaste ilha, - Ilha de Cáceres, Nomenclatura nova Na geografia regional. O rio já não descreve o grande S (esse). Encurtou caminho quando desce Para o sul. Em compensação, ficou-nos a baía de Cáceres, E, como alimentadores da baía, O Furado Grande e o Furadinho. Debruçados na armadura Do antigo cais Da praça Rio Branco, Nem percebemos quanto és linda Ó ilha, No quadro cacerense, Que compões, Com o rio, a mata, o céu e a terra (Mendes, 1993 p. 22-23).
--	--

Fonte: Mendes (1993).

Quadro 2 – Poemas de Odair José da Silva

Texto poético 3 – Pôr do sol cacerense Ao rubro sol, derrama-te no horizonte, Teu derradeiro adeus, sublime esplendor, Numa dança etérea, feito um doce acorde, Teu ocaso é poesia, pura beleza de cor. Teus raios dourados, qual fios de ouro, Refletem-se no Rio Paraguai, num brilho sereno, O céu se tingindo, num divino tesouro, És o pintor etéreo deste belo cenário ameno.	Texto poético 4 – Às margens do rio Paraguai Em um dos lugares mais bonitos da terra Às margens do Rio Paraguai formoso Ergue-se a princesinha, Cáceres, de sonho tão ditoso. Uma cidade bicentenária De histórias e lendas sedutoras Que abriga em seu seio as diferentes famílias Que dessa sociedade são construtoras.
---	---

Em tons alaranjados, o céu se veste, Adeus ao dia, a noite se aproxima devagar, As sombras crescem, o sol desaparece, E no meu coração está a magia do sonhar. E a lua, a reinar, se mostra reluzente, Oh, pôr do sol! Dos poetas, és a inspiração, Tu és um eterno soneto na natureza radiante, Que permanece para sempre em nosso coração (Silva, 2023).	Casarões antigos retratam o passado De pessoas que aqui lutaram para essa construção Contrastam com o moderno De mentes que fazem a revolução. O pôr-do-sol no cais É um espetáculo feito pelo criador Onde os poetas e pensadores Registram suas histórias de muito valor. Ao olhar a destruição que fazem contigo Os olhos choram a tristeza De uma sociedade ambiciosa Que só pensam construir a beleza. Mas, que pensando construir, destroem As belezas que existem em ti Modificando, de forma predatória, Tudo que foi construído aqui. A Ponte Branca já não existe mais. Pois, foi destruída sem piedade Ela que contava grande história da cidade Hoje, deixa apenas saudade. Até quando o homem moderno Que se diz civilizado e progressista Vai destruir as belezas de ti Por um ideal narcisista? (Silva, 2016)
--	--

Fonte: Silva (2023; 2016)

Quadro 3 – Poema de Antonio José Ferreira da Costa

Texto poético 5 – Cáceres e seus encantos Cáceres da Catedral de São Luiz; Povo amigo, hospitaleiro, festeiro, de Religiosidade mil. Cáceres do rio Paraguai; No encanto da magia do pôr-do-sol que se vai, se renovam as esperanças num compromisso de preservação ... Cáceres das bicicletas; No pedalar tranquilo de sua gente a estampa viva de gerações que se sucedem sem perder a tradição. Cáceres das ruas estreitas;	sobrenomes que fizeram a nossa história perpetuar além das gerações. Cáceres e suas fazendas históricas; Descalvados, a maior das charqueadas, Fundada por industrial argentino, Que a vendeu a uma empresa belga Exportava carne, couros, ossos, Chifres, crina e gordura, Tinha grande estrutura. Barranco Vermelho, outra riqueza História de construção antiga e bela, Revela imponência de uma época De muita fartura em meio a tanta investidura. Ressaca, Jacobina e Facão Tradição na produção de açúcar e aguardente, Que atendia exportação.
--	---

Histórias, lendas suspeitas, causos e tradições. Cenário perfeito para muitas inspirações.	Fazendas que perduram No tempo e merecem visitaço.
Cáceres das morenas bonitas; Sorrisos que encantam na formosura perfeita de uma sintonia ímpar da mulher que deleita.	Luiz de Albuquerque sabia disso, Duzentos anos atrás, Aqui desfraldou sua bandeira, Estampou a semente da paz, Do progresso e do amor que transborda os corações
Cáceres dos antigos casarões; Abrigo indelével de famílias, nomes e	(Costa, 2008, p. 19-20).

Fonte: Costa (2018).

1.1.1 A cidade de Cáceres

A cidade de Cáceres está localizada cerca de 225 km da capital mato-grossense Cuiabá, na fronteira com a Bolívia. Foi fundada aos 6 dias do mês de outubro de 1778, por determinação do quarto governador e capitão-geral da capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Primeiramente, o povoado recebeu o nome de Vila-Maria do Paraguai, em homenagem à Duquesa Maria I, rainha de Portugal. Já a denominação “Paraguai” deve-se ao fato de a cidade estar situada à margem esquerda do rio Paraguai, rio principal que banha o Pantanal Mato-grossense (Mendes, 2009).

Apesar de ter “vila” em seu primeiro nome, não passava de um pequeno povoado, com algumas casas e uma pequena igreja. As razões à sua fundação foram abrir uma porta de navegação para os bandeirantes colonizadores, a eminente necessidade de defesa e incremento da fronteira sudeste do estado; a comunicação com as cidades de Vila Bela da Santíssima Trindade e Cuiabá; além, também, de possuir o solo fértil e os recursos hídricos serem abundantes (Mendes, 2009).

Em 6 de outubro de 1778 foi lavrada a Ata de Fundação da cidade. Esse documento legitima a posse da terra e a legaliza. Sob o olhar discursivo pode-se dizer que diante das condições de produção, essa materialidade simbólica é um acontecimento de linguagem que funciona enquanto um discurso fundador¹, pois é através do registro da Ata de Fundação que se institui a cidade. É esse processo simbólico que permite que o sujeito faça parte de um país, de um estado, que reivindica a fundação da cidade; que demarca limites, que configura os

¹ Orlandi (1990), em sua obra *Terra à vista*, trabalha a noção de discurso fundador, o qual está ligado à formação do país, em que atribui a ele – o território –, uma identidade.

contornos fronteiriços. Orlandi (2003, p. 15) pontua que “construir limites, é desenvolver domínios”, ou seja, no processo de legitimação das terras, os limites servem para serem respeitados, a materialidade simbólica da ata demarca a posse.

Entende-se condições de produção como Orlandi (2009) a define:

Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental [...]. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico (Orlandi, 2009, p. 30).

Dessa forma, compreende-se por condição de produção como condições históricas e sociais de uma situação de comunicação que produz o sentido de um enunciado através do interdiscurso.

Na sequência, apresenta-se um recorte da Ata de Fundação da cidade de Cáceres tomada, aqui, como uma materialidade simbólica, que valida e legitima a posse do território:

Anno de nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1778, aos 6 dias do mez de Outubro do dito anno, n'este districto do rio Paraguay e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia à Cuyabá desde Villa Bella, sendo represente o Tenente de Dragões Antonio Pinto do Rego e Carvalho, por elle foi dito que tinha passado a este dito lugar por ordem do Ilmo. e Exm. Snr. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General d'esta Capitania de Mato Grosso, para com efeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, comprehendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínios Portuguezes da Província de Chiquitos, que fazem o numero de 78 individuos de ambos os sexos, a que juntando-se todo o numero das mais pessoas congregadas para o dito fim faz o total de 161 individuos de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se dominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade – Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e commodidade publica; e porque supposto o plano do terreno para a dita Villa se acha com alguma disposição para continuar a fundar-se com regularidade; comtudo, como alguns dos alinhamentos não estão conformes ao projecto da boa policia, como deveria ser, determinou elle, dito Tenente, a todos os moradores, em nome do S. Ex., que deixando de fazer mais algum beneficio a varias cabanas existentes, só n'ellas assistem em quanto se fabricam casas no novo arruamento que lhe fica prescripto e balisado por elle, Tenente, com marcos sólidos de páo de lei, sendo obrigados a não excederem nem diminuir a dita construção na altura de 14 palmos de pé direito na frente de todas as casas que se levantarem e 24 palmos de altura do cume; outrossim, determinou que precisamente chamariam para regular os ditos pés direitos ao carpinteiro João Martins Dias, e na falta d'este outro algum intelligente no officio, afim de consevar sem

discrepancia, segundo o risco, a largura de 60 palmos de ruas que estão assignadas por elle, Tenente; [...] (Mendes, 2009, p. 27-28).

A escrita da Ata de Fundação da cidade de Cáceres serve para representar o poder desse território, garantindo a posse do local e, conseqüentemente, legitimado pelo poder público, consolidando-se o direito à terra, à seus recursos, à seus povos. Nesse viés, de acordo com Motta (2011):

A determinação do registro da Ata configura o lugar hierarquizado que se projeta no direito à terra, pois sem esse acontecimento não há legitimidade. Ou seja, é a textura da escrita da primeira Ata que marca o acontecimento, o fato que institucionaliza a terra de Mato Grosso, no século XVIII. Em outras palavras, a Ata representa o lugar em que aflora o poder da língua pela materialidade do discurso (Motta, 2011, p. 116).

Dessa forma, para a Análise de Discurso, a materialidade simbólica não é neutra, ela é atravessada pela ideologia e pela exterioridade da língua pelo discurso. Sendo assim, a escrita da Ata de Fundação representa a normatização jurídica da terra, em que o estado tem poder sobre o local, ou seja, o determina. Ademais, a Ata de Fundação representa, também, o discurso ambiental, pois as riquezas naturais e a geografia do ambiente favoreceram a escolha à fundação da cidade.

Percebe-se, então, que o rio Paraguai, a fronteira com a Bolívia e a localização geográfica privilegiada pelo bioma Pantanal foram fatores determinantes à escolha do espaço. Assim como pontua Motta (2011), “Podemos dizer sobre a estabilidade do discurso, de apropriação da terra, a partir dos gestos dos presentes, em assinar e dar fé ao documento [...] Isto é, a ambiência instala as condições de fundação” (Motta, 2011, p. 20). Apreende-se que as condições de produção do espaço foram preponderantes às condições de fundação da cidade, quais sejam: o rio, a terra fértil e as riquezas naturais.

Segundo Mendes (2009), os sujeitos bandeirantes paulistas desbravaram o estado delimitando a área definida pelo Tratado de Tordesilhas², configurando a forma do Brasil, assegurando os domínios da Coroa Portuguesa, ao consolidar povoações e sítios pela fronteira, a maneira mais eficiente de garantir a posse. Então, criou-se a Capitania de Mato Grosso e povoações, cujo objetivo era resguardar as riquezas naturais de possíveis invasores.

Observa-se que no percurso de fundação da cidade, há uma projeção imaginária, de relações de sentidos, que remete ao rio Paraguai. O rio desempenha um papel importante, pois

² Informações retiradas da obra História da Administração Municipal de Natalino Ferreira Mendes disponível no link <https://natalinoferreiramendes.com.br/obras-digitalizadas/livros-para-download>.

a cidade nasce às suas margens, que era/é navegável e que demarca fronteiras compondo, assim, a configuração do espaço urbano. O rio Paraguai, conforme Motta (2010): “[...] dá corpo significativo à cidade de Cáceres, atravessando-a com efeitos imaginários, que organizam a cidade, o comércio, o espaço urbano, a ordem citadina que tem a ver com a geografia” (Motta, 2010, p. 4). O rio é a cidade, o rio não está fora, faz parte dela, a constitui, marcando e significando a paisagem urbana.

Inicialmente, Vila Maria da Paraguay não passava de: “Dois renques de casas de mau estado, de cada lado de uma grande praça, uma igrejinha sob a inovação de São Luiz de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo” (Mendes, 2009, p. 31). Por consequência, não merecia a qualificação de vila, sendo referida como freguesia. Entretanto, percebe-se que há um silenciamento/apagamento de tais nomenclaturas em sua Ata de Fundação, das palavras “vila” e “freguesia”, sendo referida apenas como Villa Maria do Paraguai.

Na perspectiva teórica adotada, o silêncio não é transparente e significa multiplamente (Orlandi, 1990). É pelo registro da Ata de Fundação que o sujeito colonizador demarca seu direito sobre a terra. Sendo assim, esse silenciamento constitutivo na determinação histórica do país significa, de forma que “[...] é o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política” (Orlandi, 1990, p. 51). Esse apagamento histórico demarca o discurso fundador, o silêncio de suprimir a origem do lugar e imperar a sua cultura e os seus costumes sobre o território, sobre o povo.

Por sua boa localização, ditada pelas conveniências político-militares, ocorreu seu primeiro avanço com o advento da indústria extrativista. Em 1861, a freguesia torna-se vila, pois transformou-se com mais seis ruas, dois largos, quatro travessas, sendo reflexo do desenvolvimento da abertura da navegação fluvial e da indústria extrativista, em que as instituições Cadeia e Câmara começam a ser instaladas, uma vez que o estado começa a organizar o espaço público, com a instauração da Cadeia representando a segurança, e a Câmara de representatividade pública (Motta, 2009).

Logo, devido ao súbito progresso, consegue funcionar de fato dentro dos padrões da categoria de vila, apesar de ter se elevado a vila, com a Lei n. 1 de 28 de maio de 1859. Contudo, somente funcionou, de fato, dentro dos padrões em 1862, por tais fatores mencionados e pelo processo de implementação das instituições, mais especificamente, da Câmara e das leis que passariam a reger a vila, o município. Com a expansão do comércio e o transporte fluvial, a vila foi tomando novas formas.

Em 1874, Vila-Maria do Paraguai ultrapassa os limites de vila, devido ao desenvolvimento da pecuária, da indústria extrativa e a da facilidade de navegação fluvial, ganhando o *status* de cidade. Assim como rege a Ata de Fundação:

Em seguida o Sr. Presidente deu ciência de que havia convocado a presente reunião extraordinária para o fim de apresentar o ofício da Exma. Presidência da Província nº 18 de 10 de junho corrente, dando a esta Câmara ciência de que fora pela Assembléia Legislativa Provincial decretada e pela mesma Presidência sancionada a lei provincial elevando esta vila a categoria de cidade com a denominação de cidade de São Luiz de Cáceres [...] (Mendes, 2009, p. 50).

Em 1874, a cidade foi consagrada com o nome de “São Luiz de Cáceres”, em homenagem ao Santo padroeiro e ao seu fundador. No mesmo ano, foi elevada à categoria de cidade. O ato de nomear a cidade remete-se ao discurso religioso e fundador, religioso com a presença do nome de um Santo Católico, “São Luiz” e, fundador, pela presença do nome do fundador do povoado Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, além da locução “de” que remete à uma questão de pertencimento, São Luiz *DE* Cáceres (Motta, 2009).

Pode-se observar que é através do discurso fundador, pelo acontecimento de nomeação, que lhe atribui uma identidade local e demonstra o poder de dominação. A união da religião, do Santo Católico, com o nome de seu fundador, em suas condições de fundação, demonstra, reafirma, consagra o domínio português. Através desse acontecimento discursivo, percebe-se uma relação conflitante com o processo de produção de sentido; de um lado, tem-se que, no ato de nomear a cidade, busca-se uma referência ao dominador, Portugal, ao mesmo tempo que, de outro lado, instala uma ruptura, do novo, de que ao tornar-se cidade, o novo nome agrega um maior valor ao local, o demarca, identifica. Em 1754, foi assentado o Marco do Jauru, monumento comemorativo do Tratado de Madri³. Em 1938, aproximadamente, o município passou a ser chamado de Cáceres. No início dos anos de 1960, foi construída a ponte Marechal Rondon, sobre o rio Paraguai, facilitando a expansão do mercado e do próprio estado (Mendes, 2009). Dessa forma, percebe-se que a criação do município demonstra interesses políticos, uma vez que foi motivado para garantir a defesa do território em face à nação.

Verifica-se, também, que no processo de nomeação da cidade constitui um gesto político e simbólico, por meio do qual se inscrevem memórias e sentidos do espaço urbano. A designação inicial, São Luiz de Cáceres, evidencia uma referência religiosa vinculada ao padroeiro da cidade, enquanto a posterior redução para apenas Cáceres, desloca o foco para

³ Acordo diplomático fundamental à definição das fronteiras brasileiras entre Portugal e Espanha, assegurando as áreas da Amazônia à Espanha e, a Oeste, aos domínios portugueses.

homenagear o fundador, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. O ato de nomear não se limita à atribuição de um signo, mas representa um gesto de constituição simbólica da urbe e do sujeito que nela se significa (Bindandi, 2016).

Logo, ao se constituir enquanto cidade, faz-se necessário a nomeação que além de demarcar o próprio espaço e território, consagra-se como um espaço simbólico, delimitado por relações de poder em que os sujeitos se inscrevem e são por ela, a cidade, inscritos. A cidade de Cáceres se abre para múltiplas interpretações, das quais: suas condições de fundação, sua arquitetura, o próprio rio e, também, a sua vasta cultura. Nesta escrita, toma-se o discurso poético urbano para compreender o urbano através da linguagem, trabalhando as relações de sentidos que transitam, compreendendo seus modos de significações para e por sujeitos.

Na perspectiva discursiva, trabalha-se com os textos poéticos – poemas – como uma unidade complexa, aberta, relativamente às condições de produção, pensando o texto como a materialização discursiva, analisando o funcionamento da linguagem, através da paráfrase e polissemia, interrogando a interpretação, nos equívocos, rupturas da língua e da história. Desse modo, a memória tem um papel fundamental em nossa materialidade, através da função-autor, a partir dos gestos de interpretação, que se tem acesso à narratividade discursiva.

Narratividade discursiva é entendida como “a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiadas em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados” (Orlandi, 2017, p. 287). Dessa forma, a partir dos textos-poéticos, observa-se o funcionamento da memória no modo como o sujeito se insere nos espaços de interpretação de acordo com suas práticas discursivas.

1.2 Biografia dos poetas

A arte de escrever e de dizer *com* e *por meio* da poesia, a partir de uma dada realidade, é algo inventivo pelo modo como o discurso, neste caso, o discurso *da* cidade, se corporifica pela língua base do discurso em seu funcionamento. Desse modo, para elaboração desta pesquisa, foram selecionados três escritores que tomam como ponto de partida o município de Cáceres e o Portal do Pantanal Mato-grossense para produção de seus escritos. São textos poéticos que remetem ao imaginário da cidade.

Os escritores selecionados são: Natalino Ferreira Mendes, Odair José da Silva e Antonio José Ferreira da Costa. Nesse sentido, o estudo do discurso poético abre-se para

compreender o processo constitutivo da cidade cacerense, as memórias, suas belezas naturais, seus marcos, o modo de significar a cidade e seus cidadãos.

Natalino Ferreira Mendes nasceu em 3 de janeiro de 1924 e faleceu em 23 de dezembro de 2011, na cidade de Cáceres-MT, descendendo de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes. É considerado uma pessoa ilustre da cultura mato-grossense. Escreveu histórias, memórias, crônicas e poesias. Atuou como professor, diretor e fundador da Escola Estadual *Onze de Março*. Foi funcionário da Prefeitura Municipal de Cáceres, membro da Academia Mato-Grossense de Letras e fez parte do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres-MT como sócio efetivo, sendo também presidente de honra dessa última instituição, bem como participou ativamente dos eventos culturais da cidade.

Publicou obras que deram destaque à sua terra natal, tais como o *Marco do Jauru* (1983); *História de Cáceres: origem, evolução presença das forças armadas, Efemérides Cacerenses* (1992), *Anhuma do Pantanal* (1993), *Memória cacerense* (1998), *Pássaro vim-vim* (2010), *Letras cacerenses e fragmentos da história cultural de Cáceres* (2021), sendo as duas últimas publicações póstumas. Além dessas, foi autor de diversos hinos, em especial o Hino de Cáceres, sem mencionar, ainda, os diversos artigos publicados em jornais e revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Natalino Ferreira Mendes, pela sua vocação literária, foi reconhecido pelas duas entidades culturais mais renomadas do estado de Mato Grosso, o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e a Academia Mato-grossense de Letras, das quais fez parte. Dedicou-se, especialmente, à preservação da memória de sua cidade, mesclando a história e a memória do povo com grande sensibilidade. Seus escritos vão desde a história administrativa ao cotidiano da cidade e seus cidadãos, sendo considerado o precursor da história de Cáceres. Seu amor e a curiosidade pela cidade, sua formação, construção e solidificação o levaram a produzir suas obras, sendo um dos mais conhecidos escritores locais. Apesar de cada escritor ter a sua singularidade, todos os que foram escolhidos têm um amor colossal por essa cidade, demonstrando, através de seus textos poéticos, suas preocupações e suas alegrias.

Odair José da Silva autointitula-se *Poeta Cacerense*, é poeta e escritor natural da cidade de Cáceres-MT. Professor de História e especialista em Gestão Ambiental, atua como Técnico Administrativo da Educação Superior na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Nascido em 13 de novembro de 1973, é filho de Josuel Marins da Silva e Maria José Souza Silva (*in memoriam*), seus pais vieram do estado de Minas Gerais em 1972 e tiveram cinco filhos: Sônia, Márcio, Lucimar, Hyago e Odair.

O escritor passou a maior parte de sua infância na cidade de Lambari D'Oeste, onde viveu dos 7 aos 17 anos, momento também em que passou a se identificar com a leitura e a escrita, ainda muito jovem. Começou a escrever aos 12 anos seus primeiros poemas e histórias. Na juventude, deixou de escrever por diversos motivos, voltando à prática em 2008, quando criou um *blog* e começou a publicar seus poemas, pensamentos e reflexões.

O poeta Odair José da Silva tem um modo peculiar de dizer, gosta de escrever de forma lírica retratando a cidade, a beleza e suas mazelas, seu povo e sua história. Tem, como principais obras publicadas: *Às margens do rio Paraguai*, *O homem que queimou a Bíblia* e *Contos e pensamentos do poeta cacerense*. Odair José da Silva mantém um *blog* chamado *Poesias cacerenses*⁴, desde janeiro de 2008 tem como público-alvo, de acordo com suas próprias palavras, “[...] todos os apreciadores da eterna poesia”⁵. Dedicar seu maior tempo à leitura, pois é fascinado por livros e possui uma biblioteca particular em que vive momentos inspiradores.

Odair José demonstra, pelas suas poesias, um amor incondicional por sua cidade, passando por suas belezas naturais e arquitetura. Esse autor brinca, em seus escritos, com as lendas regionais e a cultura cacerense. Sua escrita é sensível, apaixonante e singela, uma vez que tece seus textos de maneira singular e peculiar. Cada palavra é uma parte de sua alma.

O autor Antonio José Ferreira da Costa viveu a maior parte de sua vida cercado pelas belezas naturais do Pantanal, cercado pelas palavras transbordantes em forma de poemas, por suas reflexões sobre a vida e sobre a simplicidade e o patrimônio cultural. Em cada estrofe, o leitor se encontra em suas palavras de maneira simples e emocionante. A leitura cativa o leitor de forma simples e, ao mesmo tempo, profunda. A cidade de Cáceres é cercada pelo rio Paraguai e pelo bioma Pantanal, há uma grande preocupação, que textualiza, pelos escritos sobre a cidade em sua poesia.

Antonio José Ferreira da Costa é natural de Corumbá-MS, mudou-se para Cáceres aos cinco anos de idade. É filho de João Antonio da Costa e Ana Odete Ferreira da Costa. Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), é jornalista e colaborador do *site Zakinews*. Ele é escritor, poeta, membro da Associação Brasileira de Medicina Legal e Perícia Médica (ABMLP). Exerceu, ao longo de sua vida, as seguintes profissões: tipógrafo, impressor, radialista, jornalista, paisagista, professor de língua portuguesa, vereador, escritor e poeta.

⁴ O registro sobre o escritor foram coletados por entrevista, seus poemas são encontrados em seu blog pessoal <http://odairpoetacacerense.blogspot.com>. Acesso em: 20 maio 2023.

⁵ Fonte: <http://odairpoetacacerense.blogspot.com>. Acesso em: 20 maio 2023.

É autor da obra literária: *Pantanal em versos e rimas*, que diz sobre a necessidade de proteger e valorizar as riquezas naturais e a cultura local. Antonio José Ferreira da Costa é filho de autênticos pantaneiros de uma família de treze irmãos. Seu pai foi tocador de boiada, a exemplo de três de seus filhos mais velhos. Quando criança, Costa estudou no Grupo Escolar *Esperidião Marques*, Escola Estadual *União e Força* e no Colégio dos Freis em Cáceres-MT.

O autor Antonio Costa, amante da natureza, tem, por hábito, plantar árvores nos espaços públicos da bicentenária cidade. Seu gosto pela leitura foi adquirido ainda na infância. Como não tinha televisão, ouvia rádio, folheava livros e revistas que eram os materiais que suas irmãs utilizavam em sala de aula. Três delas lecionaram até se aposentar. Assim, foi contagiado pela leitura e a escrita, até parar nas redações dos jornais da cidade, onde trabalhou como repórter esportivo e colunista social. No *site* que mantém, há um quadro chamado *Memória e história*, em que tem mais de cem registros sobre pessoas, autoridades e fatos que marcaram época no cenário cacerense em determinada época.

A poesia é inspiração de tudo aquilo que está ao seu redor, sejam os sujeitos citadinos, seja a natureza e os animais, tudo que o encanta aos olhos e à imaginação. Sua escrita é rica em dizeres pantaneiros, de dizeres populares, do cotidiano desse homem pantaneiro, desse jeito simples de ver a vida, das lições de vida: “[...] do conhecimento da verdadeira poesia do bem viver”, conforme suas palavras⁶. A natureza é a sua fonte de inspiração, o bioma pantaneiro, o rio Paraguai, os ipês e os tuiuiús, procurando sempre valorizar os elementos nativos da região.

Em cada poema, percebe-se a sua vontade de querer resguardar, preservar e cuidar desse ambiente, defendendo que o homem e a natureza podem sim viver de forma harmoniosa. Utiliza não apenas a poesia, mas também a fotografia, para eternizar essas reflexões, bem como coloca-se em defesa da preservação da memória histórica cacerense/mato-grossense, no sentido de preservar o patrimônio histórico.

Assim, esta pesquisa elege a poesia cacerense como objeto de estudo, com o intuito de compreender os modos pelos quais a cidade se diz, como ela é interpretada e produz efeitos de sentidos nos textos poéticos. No capítulo seguinte, serão mobilizados os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, a fim de explicar o funcionamento das relações de sentido que constituem o processo de significação presentes nas materialidades analisadas.

⁶ Trecho retirado da entrevista concedida à pesquisadora Ariane Caroline da Silva Figueiredo.

CAPÍTULO II

LER DISCURSIVAMENTE A CIDADE

Neste capítulo, toma-se a cidade de Cáceres-MT enquanto discurso, como um espaço de interpretação e leituras, se significando não apenas pelo espaço físico, mas pelo que nela se diz e interpreta; ela, a cidade, é um espaço de sujeitos e significantes, conforme menciona Orlandi (2004). A partir desse espaço simbólico, tendo como materialidade linguística os poemas, que aqui são referidos como textos poéticos; textos que dizem *sobre* a cidade, que textualizam a história, a sua memória discursiva, bem como as suas belezas naturais. Dessa forma, toma-se os poemas enquanto discursos poéticos objeto de análise atentando-se ao modo de projeção imaginária da cidade. A teoria da Análise do Discurso dá subsídios para pensar a cidade que, de acordo com Orlandi (2004), é compreendida como um espaço de interpretação, ou seja, a cidade significa, não apenas o seu espaço visível, mas também o que nela se significa e constitui o seu discurso.

Este capítulo tem por objetivo trabalhar os conceitos teóricos da Análise do Discurso, a cidade como discurso, as formações imaginárias, a memória discursiva, o interdiscurso, o sujeito, a posição-sujeito, autoria, a ideologia, a metáfora, a interpretação e o espaço urbano, para, posteriormente, arrolar acerca do dispositivo analítico e, assim, compreender como o sujeito-poeta estabelece relações de sentido entre a língua e a cidade.

2.1 Cidade e análise de discurso materialista

*Lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela
foi escrita.*
(Lefebvre, 2001, p. 61).

Toma-se, neste trabalho, a cidade como: “[...] um espaço simbólico trabalhando na/pela história, um espaço de sujeitos e significantes” (Orlandi, 2004, p. 32). Assim, entende-se a cidade constituída no/pelo discurso, estabelecendo relações de significação com o sujeito, a história e a língua. O discurso urbano tem uma memória própria, pois desenvolve-se em um espaço próprio, se constituindo por relações entre sujeitos que se significam e significam as relações sociais que dão a sustentação desse espaço a partir de seus gestos de interpretação (Orlandi, 2004, p. 26). Nesse sentido, o espaço da cidade torna-se favorável à reflexão, pois ler

as ruas, vias, construções e monumentos, é pensar no social e na sua (des)organização. Dessa forma, neste tópico serão trabalhados os conceitos mobilizados a partir do livro *Cidade dos Sentidos*, de Eni Orlandi (2004) para a discussão teórica.

Colocar a cidade enquanto um espaço de escuta, de dizeres, é compreender o seu processo de constituição simbólica. Dizer *sobre* a cidade é dizer *sobre* os sujeitos que nela habitam, uma vez que: “No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um” (Orlandi, 2004, p. 11). A cidade é, portanto, um espaço de inscrição de sentidos, onde o simbólico e o histórico se entrelaçam. Ler discursivamente a cidade significa compreender como ela se organiza enquanto espaço de significação. Nesse viés, a cidade é atravessada por gestos de interpretação, pelos quais tanto os sujeitos quanto os espaços urbanos demandam e produzem sentidos.

Do ponto de vista discursivo, a cidade se constitui como um gesto de leitura e escritura, isto é, como discurso. Tomá-la como discurso é compreendê-la como um espaço simbólico em constante movimento de significação. A linguagem, nesse processo, se materializa em diferentes formas — nos muros, nas canções, nas poesias, nas ruas — e vai ganhando corpo na própria cidade. O urbano torna-se, dessa maneira, texto e corpo significante, lugar onde os sentidos se produzem e circulam, atravessando as práticas sociais de linguagem e revelando o modo como os sujeitos se significam e são significados na e pela cidade (Orlandi, 2004).

O papel do analistas de discurso é compreender, conforme Orlandi (2004), como esses flagrantes funcionam e produzem efeito de sentido. Pensada discursivamente, a narratividade urbana se sustenta na relação entre o sujeito e o espaço, atravessada pelos modos como o Estado o individualiza e como ele se significa nesse processo. A linguagem, ao tomar corpo na cidade, inscreve materialmente os gestos de interpretação que as constituem. Para a teoria discursiva, a interpretação é posta em questão, a língua não é transparente, é opaca, sujeita a falhas e pela possibilidade de outros sentidos.

Dessa forma, a cidade se faz em um espaço de escuta, lugar onde o dizer se materializa e onde os sentidos se fazem ouvir nas marcas do urbano. Dizer sobre a cidade é dizer sobre seus habitantes, pois, como afirma Orlandi (2004, p. 11), “no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um”. Ler discursivamente a cidade, portanto, é compreender como ela se constitui e se diz, revelando os modos de significar do sujeito em meio à materialidade da vida urbana. Deve-se distinguir, pelos estudos da cidade, conforme a filiação teórica discursiva, dois movimentos: a *ordem* e a *organização*. Conforme Orlandi (1999):

Deve-se distinguir entre ordem e organização, sendo a ordem do domínio do simbólico (a sistematicidade sujeito ao equívoco), na relação com o real, enquanto a organização se refere ao empírico e ao imaginário (o arranjo das unidades) (Orlandi, 1999, p. 8).

Ou seja, a ordem está relacionada com a materialidade simbólica sujeita ao equívoco, o real da cidade, enquanto a organização com as estruturas internas organizacionais *na/da* cidade, do jurídico, as instituições e o político. Sob a ótica da análise discursiva, a língua tem sua própria ordem, a história tem o seu *real* afetado pelo simbólico e o sujeito é, também, afetado pela língua(gem) e pela ideologia. Neste trabalho, pelo estudo da língua, busca-se a exterioridade constitutiva da língua(gem), a ideologia e as condições de produção.

A teoria remete a uma reflexão sobre o funcionamento linguístico, colocando a interpretação em questão, estabelecendo práticas de leituras com a materialidade histórica, possibilitando pensar o discurso com suas condições de produção e sua exterioridade. Sendo assim, a projeção imaginária da cidade através dos textos poéticos tem a ver com o real da história, que é, com efeito, a contradição. A questão da contradição e do confronto permite compreender de que forma os textos poéticos e as discursividades sobre a cidade produzem sentidos para os sujeitos.

Nesse direcionamento, será feita uma leitura que trabalhe o efeito leitor da materialidade, discutindo os gestos de interpretação para ir além do que está explícito no texto, levando em conta a sua intrínseca relação com a exterioridade linguística, às condições de produção em que não são dependentes das intenções do sujeito.

Nessa perspectiva teórica, os poemas são vistos enquanto materialidades discursivas simbólicas. Conforme Orlandi (2009), a Análise de Discurso vê o texto como uma materialidade própria e significativa em sua discursividade. Desse modo, é que se observa *pela/na* materialidade simbólica as discursividades e os sentidos funcionando. Os materiais selecionados para análise são compreendidos em função das formações discursivas e ideológicas que os determinam. Não se pode pensar a materialidade simbólica como algo novo, sem sentido, deve-se pensar nas suas condições de produção, bem como o que se relaciona à sua exterioridade.

Há alguns fenômenos de significação que são constitutivos da cidade, tais como “a quantidade, o lugar comum, o trocadilho, o clichê e o estereótipo” (Orlandi, 2004, p. 36-45). Esse conjunto aponta para as maneiras da cidade de se significar, sendo a quantidade a formulação discursiva da repetição em que se apresenta no senso comum (clichê, estereótipo, ideias recebidas) vista de forma que o sujeito tem o controle do dizer e, nesse processo, a

ideologia é apagada, como se o dizer não tivesse memória à qual é constitutiva do saber discursivo e – como se esse esquecimento desconhecesse a “alteridade” (Orlandi, 2004).

A quantidade posta em relação à linguagem desliza os sentidos de lugar-comum, pois a quantidade é um espaço significante da cidade, o clichê, o estereótipo, as ideias recebidas são seus traços, os quais são chamados de “sentidos públicos”. O lugar comum é um espaço de convivência, lugar de opinião. Os estereótipos e os clichês surgem da necessidade de comunicação, sendo o primeiro os dizeres ditos na sociedade, em que são usados de forma ambígua, girando em torno de *bem* e do *mal*, em que exprimem um imaginário social. Sob o olhar discursivo, o imaginário é uma ilusão necessária para se conseguir acesso aos discursos estabilizados (Orlandi, 2004).

O clichê é um modelo de retórica, repetida e comum, que mantém em uma hierarquia de estilo, entre nobre e/ou sublime e, dessas repetições, surgem os automatismos da linguagem, como exemplo dos provérbios e gírias. Logo, a questão da quantidade afirma-se pelo aumento de leitores, de eleitores, em que o uso do vocabulário começa a separar os letrados dos não-letrados, criando critérios de uma boa literatura. Essa ideologia estende-se à discursividade urbana, em que os sentidos são estabilizados, em que não é visível a possibilidade de outros sentidos, categorizando o discurso social (Orlandi, 2004).

As ideias recebidas oscilam entre ideias consagradas e o preconceito e que as ideias da maioria do social são consideradas verdades, ligadas à conveniência e à moral social. Dentro da análise discursiva tem-se, por princípio, reconhecer a paráfrase e a metáfora, ou o efeito metafórico (que seria o deslizamento de sentidos) relacionando-os. Toma-se os textos poéticos como um objeto simbólico que produz sentidos, percebendo que a tarefa do analista é compreender essa (re)produção de sentidos que significa explicar os gestos de interpretação os quais sustentam toda a estrutura do texto, lembrando, pois, que não há discurso sem sujeito, tampouco sujeito sem ideologia.

Desse modo, a função da ideologia é a de estabilizar o sentido. Segundo Orlandi (2012b, p. 46), “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Portanto, o sujeito ao enunciar tem a impressão que seu dizer é novo, que é produzido no momento da enunciação e esse é o papel da ideologia, produzir o efeito de evidência. Entretanto, esse novo é parte do sujeito, que é instado a interpretar.

Para abordar o flagrante, toma-se como objeto simbólico os textos poéticos de escritores que tratam a cidade de Cáceres-MT, os gestos de leitura e interpretação que somente são possíveis pela sua escuta, ou seja, mostrando as suas formulações, conforme pontua Orlandi (2004):

[...] na medida em que trabalhamos a relação entre o corpo do texto e texto do corpo, este último, como dissemos, sendo significado pela simbiose entre a materialidade da cidade e a materialidade do sujeito em suas emoções, sentidos (sensações) e práticas. Para compreender essa relação e tirar dela consequências fazemos intervir as noções de ideologia, de memória, de formação discursiva. Lembrando que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Não há dizer sem memória. Não há sequer autoria sem repetição (sem interpretação). Não há sentido que não se inscreva na relação das formações discursivas (Orlandi, 2004, p. 51).

Todos os textos poéticos escolhidos tratam de um mesmo espaço. Contudo, o tratamento do modo de textualizar essa cidade se dá em épocas diferentes, com olhares distintos. Cada autor busca mostrar o seu olhar *sobre* a cidade e seus sujeitos. Logo, o corpo do texto e o texto do corpo, como afirmou Orlandi (2004), se significam na relação entre a materialidade da cidade e materialidade dos sujeitos em suas emoções, sentidos e ações dentro do organismo simbólico: cidade.

A partir da função-autor compreende-se que o sujeito-poeta Natalino Ferreira Mendes se inscreve em uma posição discursiva marcada por um olhar romântico para a cidade. Enquanto historiador, seu dizer é atravessado pela historicidade, pela exaltação da natureza e por um gesto crítico em sua escrita. Em *Anhuma do Pantanal* (1993), obra produzida em um momento em que a cidade passava por uma reurbanização, o sujeito-poeta retoma, pela memória discursiva, fragmentos da história local que precisam ser reinscritos no presente. Nesse gesto de retomada, reinscreve-se em uma nova formação discursiva ao reinterpretar os sentidos já ditos, produzindo novos efeitos de sentidos sobre a cidade e a identidade.

O escritor Odair José, em seus textos poéticos publicados em seu blog pessoal, inscreve-se em uma formação discursiva que evidencia a relação do homem com a natureza, os impactos dessa relação na sociedade. Ainda que seus textos poéticos pertençam a uma produção contemporânea, há traços de memória discursiva que retomam sentidos mobilizados por Natalino Ferreira Mendes, sobretudo a tensão entre o espaço urbano e o ambiente natural. Mesmo em um momento posterior à reurbanização, os problemas ambientais continuam a emergir como discursos negados, silenciados, apagados, revelando que o não-dito resiste e insiste no espaço simbólico da cidade.

Já o escritor Antonio José, também contemporâneo, ocupa uma posição-sujeito marcada pela valorização da cultura local e da linguagem popular. Em sua regularidade discursiva retoma saberes e dizeres da tradição oral, o regionalismo, as práticas culturais e o movimento citadino, reinscrevendo a maneira como o sujeito cacerense se significa no espaço urbano. Ao articular esses elementos – a memória, os monumentos arquitetônicos, as vozes da

cidade – o sujeito-autor produz um gesto de autoria que ressalta a importância cultural simbólica de Cáceres, fazendo da poesia um espaço de escuta e de reinscrição de sentidos da cidade.

Toma-se a poesia como um funcionamento constitutivo da linguagem, e não como um simples gênero textual ou um formato literário. A poesia, enquanto forma de arte inscrita na língua, opera deslocamentos e deslizamentos de sentidos, instaurando o movimento próprio do dizer poético. Ao observar o modo como a cidade se projeta, pelo discurso, nas poesias, percebe-se que os sentidos se produzem nesse jogo de metáforas e deslocamentos, em que o poético irrompe sentidos estabilizados e faz emergir outros sentidos, revelando o modo como a língua se faz na arte para a constituição simbólica da cidade.

Assim como pontuam Gadet & Pêcheux (2010, p. 63-64):

[...] sem a poesia, afirma ele, (se referindo a Milner) nós não teríamos a ideia de que a língua se inscreve no real, e os trocadilhos, lapsos etc. seriam acidentes. Mas de onde vem essa certeza sobre o lugar da poesia, ponto privilegiado de cessação? Poder-se-ia também entender, sob o princípio saussuriano do valor, que a poesia não tem lugar determinado na língua porque ela é literalmente coextensiva a esta última.

Dessa forma, compreende-se que a poesia não está à parte da língua, mas que é constitutiva a ela. A poesia é funcionamento constitutivo da linguagem, é pelo funcionamento discursivo poético que se tem acesso ao deslizamento de sentidos produzidos, a sua desestrutura, pois, a poesia é o lugar onde se tem acesso ao equívoco, às falhas. É esse jogo metafórico que será trabalhado, no modo como a cidade se diz, como dizem sobre ela, como (se) significa.

2.2 A poesia da língua: discurso, sujeito e memória

Neste trabalho, toma-se o discurso como efeito de práticas sociais. O discurso é a palavra em movimento, é uma prática de linguagem. Sendo assim, ele é tomado como materialidade para análise científica dos poemas, o discurso poético. Como já dito, como dispositivo de leitura, a Análise do Discurso materialista procura interrogar sobre como os enunciados, no texto poético, sobre a cidade de Cáceres produzem sentidos.

Ao buscar compreender os efeitos de sentido produzidos pela poesia, pretende-se dar visibilidade a um funcionamento que se constitui entre o não logicamente estável e o estabilizado pela língua. É no movimento do efeito poético que os sentidos se inscrevem na

ruptura, nas frestas da língua, onde o dizer se desloca do previsível e faz emergir o poético como gesto de significação. Para isso, faz-se necessário dizer que o equívoco esbarra a todo tempo no poético. Nessa perspectiva teórica, na Análise de Discurso, para que haja sentido é necessário que já tenha um significado antes, em outro lugar. Assim, é pela formulação que se esbarra no equívoco, que se depara com a contradição, que é a partir dela que se movimenta o lugar do estabilizado. Assim, como pontua Pêcheux (1990, p. 11),

[...] não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho”. [...] As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar as ordens”; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio, falar sua língua como uma língua estrangeira que se denomina mal; mudar, desviar, alterar os sentidos das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra [...] E assim começar a se despedir do sentido que produz o discurso da dominação.

Pode-se compreender a partir do autor que a poesia se constitui como contradição na língua. Ou seja, ela irrompe com o discurso já estabilizado pela língua, por um processo ideológico, ao mesmo tempo em que a poesia se inscreve na língua para a produção de sentidos. A partir do equívoco, da ruptura, dando possibilidade a outros sentidos. É na poesia que se materializa o equívoco, quando os sentidos se escapam, pois, é onde a língua atinge a história.

Dessa forma, busca-se apreender o lugar da língua na relação entre sujeito-autor e os textos poéticos, ou seja, a materialidade simbólica de análise. Saussure, em sua obra *Curso de Linguística Geral*, define a língua como unívoca na relação entre significante e significado. Já para Pêcheux em sua obra *Por uma análise automática do discurso*, a língua se define pela sua multiplicidade, de modo que a língua não é apenas um dispositivo de transmissão de informações, seguindo o esquema de emissor, receptor, código, referente e mensagem, mas sim de relações de sentidos.

Para Orlandi (2009), “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (Orlandi, 2009, p. 21). Para a teoria de Análise de Discurso, a língua não é transparente, tampouco é linear. Os sentidos não são estabilizados, a língua é opaca, é constituída de significações, de historicidade, do imaginário e da resistência, considerando as condições de produção e a exterioridade linguística. A opacidade provocada pelo enunciado requer formas de investigações compatíveis com a materialidade histórica.

Pêcheux (2008) pontua que essa: “[...] homogeneidade lógica é representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem falsas ou verdadeiras, e é atravessada por uma série de equívocos [...]” (Pêcheux, 2008, p. 32). Os sentidos não são estabilizados, eles

significam em relação às condições de produção, à ideologia, à exterioridade linguística, além da língua ser atravessada pelo equívoco, pelo deslizamento de sentidos. Pêcheux (2008) afirma, ainda, que: “Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra” (Pêcheux, 2008, p.32). Portanto, o papel do analista de discurso é se deparar com o real da língua, com seu gesto de interpretação e mostrar os deslizamentos de sentidos.

Pêcheux, em sua obra *O discurso: estrutura ou acontecimento*, apresenta dois aspectos importantes para o desenvolvimento da Análise de Discurso, o discurso como uma estrutura e o discurso como acontecimento. Tomar o discurso como estrutura é reconhecer o real da língua, saindo da concepção estruturalista de “base invariável”, para abordar a condição de existência do simbólico, para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, da poesia, de modo que se construa procedimentos (modos de interrogação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar o fato linguístico enquanto equívoco e neutralizar os sentidos estabilizados.

Tomar o discurso como acontecimento seria entender que em todo enunciado há pontos de deriva possíveis, dando lugar à interpretação. E é nesse lugar que a análise de discurso materialista pretende trabalhar, porque há interpretação. É nesse campo que há o *outro*, é pela existência desse *outro*, nas sociedades, na história e no discurso que é possível estabelecer relações de sentido, abrindo para possibilidades de interpretar.

A análise de discurso materialista ocupa esse lugar de questionar e não trabalhar com o que o texto “quer dizer”, mas como a linguagem funciona e produz sentidos. Funcionamento este que se dá pela relação de estrutura e acontecimento, em que os elementos fundamentais nessa relação são a língua, o sujeito e a história, em que a exterioridade é constitutiva de qualquer textualização discursiva (Orlandi, 2004). Portanto, a teoria visa compreender o funcionamento, tanto da linguagem, quanto das sociedades, dentro da materialidade discursiva escolhida na produção de sentidos.

É necessário refletir sobre a importância da língua, pelo viés discursivo da análise de discurso materialista para compreender o material selecionado para análise – os poemas produzidos por escritores que nasceram e/ou que viveram/vivem na cidade de Cáceres, que tomam a cidade, a sua arquitetura e história, suas memórias e belezas naturais enquanto fonte de inspiração. A partir da materialidade simbólica dos textos poéticos será investigado o modo de funcionamento da (re)produção de sentidos sobre a cidade e, como a memória discursiva é tomada, nessa perspectiva, como o interdiscurso. Neste trabalho, toma-se a noção de memória discursiva de Pêcheux (1999), ao afirmar que ela:

[...] seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p. 52).

Nesse sentido, Orlandi (2015) considera que: “A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2015, p. 31). Sendo assim, é uma ilusão pensar que o sujeito é dono e/ou origem de seu dizer ou dos sentidos produzidos a partir de seus dizeres, uma vez que o interdiscurso é marcado pelo esquecimento. Isto é, o interdiscurso é constitutivo de outros discursos, do já dito em outro lugar, do que é esquecido na relação com a memória discursiva do dizer.

Na perspectiva teórica da AD, a memória discursiva é o que possibilita que a linguagem produza sentidos, uma vez que todo dizer se ancora em outros dizeres já formulados. É pela memória que os discursos se inscrevem em uma rede de enunciados anteriores – os pré-construídos, os já-ditos – que retomam, se atualizam e significam o presente. Assim, o interdiscurso se constitui como esse espaço de retomada e reinscrição dos sentidos, em que o sujeito fala a partir de lugares atravessados por outros discursos. Nesse movimento, o sentido nunca é estável nem fixo, mas se constrói na relação com o já dito e com o que pode vir a ser dito. Pêcheux ([1969] 1993a) afirma que: “[...] um termo só tem sentido em uma língua porque ela tem vários sentidos, o que significa negar que a relação entre significante e significado seja biunívoca” (Pêcheux, [1969], 1993, p. 64).

Dessa maneira, demonstra-se que a multiplicidade de sentidos é constitutiva da língua, ou seja, não há sentido único na relação entre significante e significado, sendo uma perspectiva contrária a de Saussure, defendida no *Curso de Linguística Geral*, que concebe a língua enquanto um sistema fechado nele mesmo. Pêcheux produz um deslocamento dicotômico proposto por Saussure de língua/fala para língua/discurso, pois é através do texto que a língua funciona, materializando os diferentes discursos. O sujeito discursivo é interpelado pela ideologia. Conforme os apontamentos feitos por Orlandi (2004),

Diante de qualquer objeto simbólico, somos instados a interpretar: o que “x” quer dizer? Há injunção à interpretação e ao mesmo tempo há uma ilusão de conteúdo (de “x”). Entretanto quando se pergunta pelo sentido o sujeito sempre nos faz um relato, nos conta uma “história”: é a construção discursiva do referente (do “x”). A partir daí se produz a ilusão referencial: a redução do sentido a um conteúdo, a seu efeito de evidência. É nisto que reside o princípio ideológico (Orlandi, 2004, p. 21).

Portanto, a ideologia, discursivamente, produz o efeito de transparência da língua, mascarando os possíveis outros sentidos. Não há sentido sem interpretação, logo, sem ideologia. É pela materialidade da língua que se tem acesso à ideologia, aos efeitos de sentido, pois de acordo com Orlandi (2009),

O sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e, também, pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (Orlandi, 2009, p. 20).

Dessa forma, o sujeito se significa e o gesto de interpretação que é o perceptível, ou não, decide a direção dos sentidos, se inscreve em uma dada formação discursiva, acionando o interdiscurso. Sendo assim, na perspectiva teórica da análise de discurso todo discurso é ideológico em sua composição.

Compreende-se o interdiscurso como “[...] todo conjunto de formulações feita e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentidos” (Orlandi, 2012b, p. 33-34). Desse modo, é no encadeamento da língua (que seria o intradiscurso, a formulação linear das ideias) que o interdiscurso (a memória) se materializa, deparando, assim, com o funcionamento da ideologia, do equívoco e da contradição.

Pêcheux (2008) caracteriza o real da língua como próprio às disciplinas de interpretação, das quais a análise de discurso faz parte. Em suas palavras: “[...] nada da poesia é estranho à língua” (Pêcheux, 2008, p. 51), ou seja, escrever não é inspiração, não é do domínio do pensamento, mas sim o conhecimento linguístico que vai determinar a melhor seleção de palavras, por isso a poesia não está fora da língua. A língua é poética, pois não se dissocia a linguagem da poesia, uma vez que: “[...] a linguagem é poética em sua constituição” (Almeida, 2016, p. 134), ou seja, tudo vira poesia na linguagem, a depender do arranjo feito pelo sujeito-poeta, o batucar do relógio, o ressoar de um sino, assim como afirma Almeida (2016):

[...] a linguagem é poética na sua constituição – o que há é linguagem -, bem como no de que ela não remete à realidade permanente, senão a dizeres de um saber já-dado. Ainda, que a poesia é o arranjo, o espaço de jogo entre significantes, atualizados da memória de dizeres na língua pelo poético de sua constituição (Almeida, 2016, p. 134).

Percebe-se, então, que esse ato de jogar com a arte, na língua, cria outros mundos. Esse jogo do mesmo e do diferente, da paráfrase e da polissemia, da repetição, do esquecimento e

das formações ideológicas, em que o sujeito-poeta faz os arranjos poéticos, jogando com o significado e significante, ressignifica os dizeres. Gadet e Pêcheux (2004) pontuam que:

Diante das teorias que isolam o poético do conjunto da linguagem, como lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure [o dos anagramas] (tal como ele é, por exemplo, comentado por Starobinski) faz do poético um deslizamento inerente a toda linguagem: o que Saussure estabeleceu não é uma propriedade do verso saturnino, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da própria língua. O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites; ele é, segundo a palavra de Baudrillard, suprimindo a sua acidez, um “acelerador” de partículas da linguagem (Gadet; Pêcheux, [1981], 2004, p. 58).

Nesse sentido, a poética é constitutiva da linguagem, sendo a poesia inerente à linguagem, pois o sujeito-poeta trabalha a língua, criando os arranjos poéticos e tomando a língua como uma propriedade da linguagem, elevando a seus últimos limites e materializando, com efeito, os processos discursivos. Dado isso, a poesia está, também, sujeita a falhas, a equívocos, aos sentidos deslizantes ocasionados através da metáfora e da memória.

No material de análise selecionado, toma-se a cidade pelo ponto de vista discursivo, compreendendo como ela – a cidade – se constitui enquanto um espaço de interpretação, em que cidade, sujeito-poeta e sujeitos cidadãos demandam sentidos. Ou seja, toma-se a cidade pelo crivo do discurso, lugar de compreensão da cidade mediante à língua, à linguagem. De acordo com Orlandi (2004),

A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nela suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos. Como funcionam? Como flagrantes. São formas de significar com sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade (Orlandi, 2004, p. 31).

A cidade tem uma forma particular de se significar, em que a linguagem se materializa de diferentes formas, constituindo aquilo que Orlandi (2004) definirá como “narratividade urbana”, uma vez que a linguagem vai tomando corporeidade com o desenvolvimento sócio-histórico e político-econômico da urbe e, dessa maneira, demandando interpretações. Nessa teoria à qual o projeto se filia, a interpretação é posta em questão, a língua é sujeita a falha e a sentidos outros.

Nesta pesquisa, entende-se que a cidade é constituída pela ordem do discurso e ao funcionamento da linguagem, ou seja, as práticas de linguagem vão produzindo sentidos entre seus interlocutores. Trata-se o discurso como a palavra em movimento, enquanto efeito das

práticas de linguagem. Assim, tem-se o discurso enquanto um objeto de estudo, relacionando a linguagem à sua exterioridade, trabalhando com a opacidade dos dizeres, sua não transparência e a inscrição da língua na história para que ela signifique (Pêcheux, 1997).

Em suma, nesta pesquisa, analisa-se o funcionamento da linguagem através dos poemas selecionados, observando o modo como constroem o discurso da/na cidade de Cáceres-MT. Busca-se compreender os sentidos produzidos pelos gestos de interpretação que atravessam o sujeito-poeta e os sujeitos citadinos, ambos inscritos na história e na memória discursiva. Os poemas, enquanto materialidades significantes, dão forma ao imaginário urbano e participam da constituição simbólica da cidade cacerense.

2.3 O rio enquanto um texto: elementos hidrográficos

Nesta subseção busca-se trabalhar com os recortes dos textos poéticos para observar de que modo a cidade é (re)significada e (re)textualizada, sendo eles: *Córrego sangradouro* (1993) e *Ilha de Cáceres* (1993), de Natalino Ferreira Mendes, publicados no livro *Anhuma do Pantanal* (1993). Mendes (1993) dedicou sua escrita especialmente à preservação da memória da cidade, mesclando a história e a memória do povo cacerense. Seus escritos vão desde à história administrativa até ao cotidiano da cidade cacerense e seus sujeitos citadinos, sendo considerado o precursor da história de Cáceres.

O poeta e escritor Odair José da Silva (2016, 2023), com os textos poéticos *Às margens do rio Paraguai* e *Pôr do sol cacerense*, se identificou ainda jovem com a leitura e escrita, mantém um *blog* denominado *Poesias cacerenses*, em que publica seus poemas, pensamentos e reflexões. Por ser apaixonado pela cidade de Cáceres⁷, gosta de escrever sobre suas belezas e mazelas, seu povo e sua história. Encontra-se em sua escrita a valorização da natureza e como se encontra com a urbe cacerense, as histórias perdidas com as arquiteturas que não existem mais, até mesmo potenciais críticas em relação à degradação ao ambiente para se chegar ao progresso.

O texto *Cáceres e seus encantos*, de Antonio José Ferreira da Costa, foi publicado na obra *Pantanal em versos e rimas* (2008). A escrita de Costa (2008) é atravessada de dizeres populares do cotidiano daquele homem pantaneiro, do jeito simples de ver a vida, das lições de vida e: “[...] do conhecimento da verdadeira poesia do bem viver”, conforme suas palavras (Costa, 2024)⁸.

⁷ Informações biográficas foram concebidas através de entrevista com o escritor.

⁸ Trecho da entrevista concedida à pesquisadora.

Segundo Costa, tudo ao seu redor transforma-se em poesia, e ele procura sempre valorizar os elementos nativos da região pantaneira. Em cada verso de seus poemas, percebe-se a sua vontade em querer preservar os elementos que compõem o ambiente da cidade de Cáceres, defendendo que a relação do homem com a natureza pode ser harmoniosa. Além da cultura e das tradições locais, faz um resgate da história cacerense como um chamamento à valorização, além de olhar o progresso de maneira diferente de outros escritores. Percebe-se que Costa (2008) aspira ao progresso, contudo, de maneira equilibrada e harmoniosa com a natureza que rodeia o território o qual escreve.

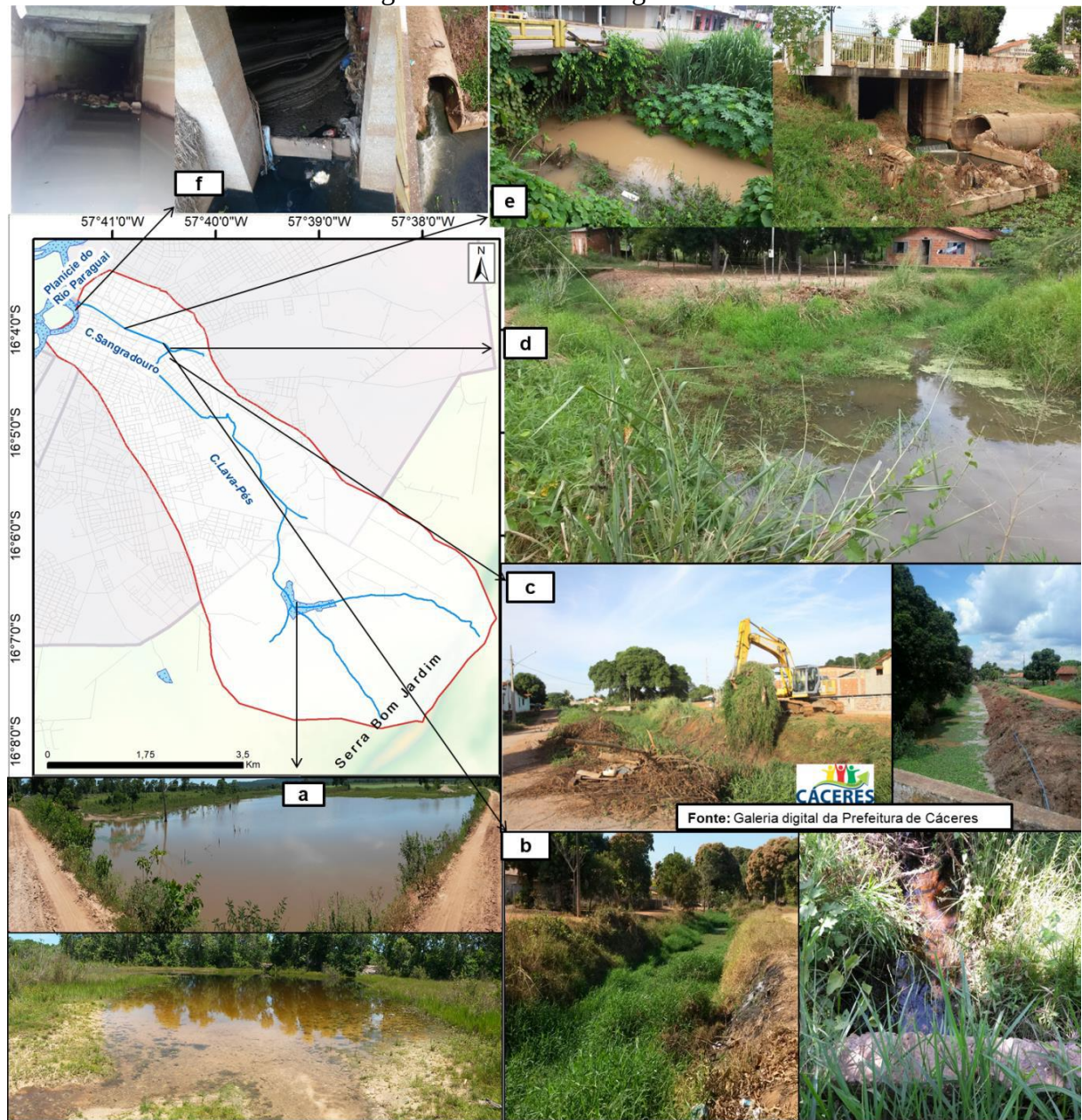
Os escritores os quais se está trabalhando são grandes admiradores do rio Paraguai, de forma que serão abordados alguns conceitos da hidrografia para melhor leitura dos textos poéticos. Primeiramente, faz-se necessário a discussão sobre as nomenclaturas: *córrego*, *sangradouro* e *rio*, de forma que todos esses termos são utilizados para designar um canal fluvial que atravessa Cáceres.

O Dicionário Aurélio *on-line* (2024) define como *córrego*: “Sulco aberto pelas águas correntes; regueiro”, *Sangradouro* é definido como: “Canal, sulco por onde se desvia a água de um rio, de um açude etc.”, já a palavra *rio* é definida como: “Curso de água natural que deságua em outro curso de água doce ou no mar”. Tais nomenclaturas estão presentes nos textos poéticos e seus significados são relevantes à discussão.

A cidade de Cáceres, como já dito, foi fundada à margem esquerda do rio Paraguai. Portanto, o rio foi preponderante à escolha do local de fundação da cidade. A bacia do córrego Sangradouro, por exemplo, abrange o perímetro urbano da cidade de Cáceres-MT, desde sua nascente até à foz onde deságua no rio Paraguai. Nesse sentido, o processo de urbanização promove mudanças no ambiente espacial, então, conforme a cidade foi crescendo, os canais fluviais também foram se modificando pela ação do homem. A Figura 1 mostra um exemplo dessas modificações.

De acordo com a Figura 1, observa-se no mapa a localização geográfica da área urbana de Cáceres delimitada pela linha vermelha; a linha em azul mostra a extensão do córrego Sangradouro. A figura A mostra a nascente do córrego; a figura B seu percurso na zona rural da cidade; a C ilustra as obras de canalização realizadas pela prefeitura; a D demonstra a construção de casa muito próxima ao canal, sem planejamento, impactando a qualidade da água do canal; a E mostra onde deságua, na Bacia do Malheiros, no centro da cidade.

Figura 1 – Bacia do Sangradouro



Fonte: Santana; Cunha (2019)⁹.

No perímetro urbano de Cáceres, encontram-se os córregos Sangradouro, Garcez e Junco, os quais, além de contribuir com água e sedimentos, lançam detritos e dejetos urbanos no rio Paraguai. O córrego Sangradouro é caracterizado como uma bacia contribuinte (Souza, 2012). De acordo com Souza (2012), o córrego Sangradouro nasce na serra do Lobo e percorre

⁹ SANTANA, M.F.; CUNHA, S. B. Intervenções em canais urbanos e suas repercussões: bacia hidrográfica do córrego Sangradouro, Cáceres-Mato Grosso. In: Revista Eletrônica Geografar, Curitiba, v. 14, n.2, p. 210-225, jul. a dez./2019.

o perímetro urbano da cidade de Cáceres, desaguando na margem esquerda do rio Paraguai, na baía dos Malheiros.

O médio e baixo curso do córrego Sangradouro sofrem impactos diretos resultado da urbanização da cidade, destacando-se as obras de canalização, criação de superfícies impermeáveis, lançamento de detritos e dejetos na calha que alteram os aspectos morfológico e hidrológico do canal, além dos impactos no solo. De acordo com Ferreira e Santana *et al.* (2018),

Vários bairros da cidade de Cáceres evoluíram próximo do Córrego Sangradouro. [...] a urbanização promoveu profundas mudanças na paisagem da bacia do córrego Sangradouro, através da execução das obras de canalização (alargamento, aprofundamento, realinhamento do canal e instalação de galeria fluvial), edificação de pontes, aterramento de área para loteamento e as atividades de manutenção sem a preocupação com a sustentabilidade do canal (Santana *et al.*, 2018, p. 31).

Essas mudanças ambientais provocadas pela urbanização, estão presentes nos textos poéticos, de modo que os escritores ora exaltam e valorizam a natureza, ora criticam a urbanização vista como “progresso”. Contudo, enquanto um escritor defende esse progresso como sendo necessário ao crescimento da região, há outro que critica. Percebe-se que essas mudanças ambientais os deixam incomodados, principalmente, quando não há um efetivo e adequado planejamento de modo que se preserve o ambiente pantaneiro que rodeia a cidade de Cáceres.

2.4 Autoria na perspectiva discursiva

Nesta subseção, trabalha-se a noção de *autor* na perspectiva discursiva de Michel Foucault, conceito discutido em sua obra *O que é um autor?* E, pela perspectiva de Orlandi, em sua obra *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* – sob a ótica da teoria da Análise de Discurso materialista – em que Orlandi (2007) discute a noção da *função-autor* e *autoria*, uma das posições assumidas pelos sujeitos. Cada sujeito-autor assume uma dada posição-sujeito discursiva filiada a uma dada formação ideológica, a depender das condições de produção, do atravessamento ideológico e da exterioridade linguística.

A função-autor reverbera efeitos de sentidos nos textos poéticos, uma vez que há um recorte temporal em cada um deles, bem como as condições de produção são distintas entre si. Além disso, os sentidos dependem das posições-sujeito de quem diz/enuncia, uma vez que as palavras sozinhas não fazem sentido. Este é determinado pelas posições ideológicas envolvidas

no processo sócio-histórico da formulação do discurso. Sendo assim, faz-se necessário que se mobilize o conceito de *autoria* para melhor entendimento do efeito de autoria na análise.

É importante esclarecer que nos textos poéticos têm-se, por marco temporal, o escritor Natalino Ferreira Mendes com publicação de 1993; Antonio José Ferreira da Costa, com textos publicados em 2008; e Odair José da Silva, com publicações feitas em 2016 e 2023. A demarcação temporal mostra posicionamentos ideológicos nos textos poéticos e é pela materialidade simbólica que se observa como a cidade se mostra e é vista em cada período, de modo que se pode relacionar a formação discursiva com a questão da autoria.

A formação discursiva é definida por Pêcheux (1995) como: “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]” (1995, p. 160). Desse modo, é por meio da formação discursiva que se constituem os sentidos, uma vez que ela regula o dizer e delimita o possível no discurso. O sentido, por sua vez, é produzido a partir da posição ideológica ocupada pelo sujeito, isto é, pelo lugar de onde ele fala e pelo modo como enuncia. Nessa perspectiva, torna-se fundamental discutir o efeito de autoria, entendido como o modo pelo qual o sujeito se inscreve no discurso e produz a ilusão de ser a origem do dizer.

No caso dos textos poéticos, o efeito de autoria permite compreender como o sujeito-poeta se posiciona frente à cidade, por meio de seus gestos de interpretação, faz emergir sentidos sobre o urbano, o histórico e o ambiental. Ao enunciar, o sujeito-poeta ocupa um lugar de memória discursiva em que reinscreve dizeres já existentes sobre a cidade, ao mesmo tempo em que desloca e ressignifica esses dizeres.

O lugar do qual o sujeito diz é importante, pois é constitutivo do que ele produz, definindo relações de força que são determinadas pelos lugares sociais ocupados por um dado sujeito e que são hierarquizadas e sustentadas no poder, ou seja, aquele que ocupa um lugar de maior prestígio social terá a maior força. Ou seja, vale (significa) mais, tem um peso maior do que alguém que ocupa um lugar menos favorecido e prestigiado socialmente (Orlandi, 2009). Dessa forma, neste trabalho não será analisado o autor enquanto sujeito empírico, mas sim enquanto função de autoria.

Para o andamento da discussão, faz-se necessário dizer sobre o lugar social, o lugar discursivo e a posição-sujeito. O sujeito pode assumir várias posições, além de que um mesmo sujeito pode possuir e fazer parte de mais de um lugar social. Mais especificamente, pretende-se analisar aqui o funcionamento da posição-sujeito-autor. É fundamental retomar que para a análise de discurso materialista, o sujeito é tomado pela ótica discursiva, ou seja, o sujeito sofre

a determinação do lugar social que ele ocupa além da ideologia e da história que por ele atravessa. Apesar disso, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte do dizer. Contudo, na teoria discursiva, o sujeito se constitui pelo apagamento.

Pêcheux (1995) propõe sobre essa ilusão, que: “A forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira” (Pêcheux, 1995, p. 266). Ou seja, o sentido se (re)produz através da identificação do sujeito em uma dada formação discursiva.

Nesse direcionamento teórico, Orlandi (2009) salienta que:

As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele (Orlandi, 2009, p. 32).

Dessa forma, o sujeito pode assumir diferentes posições dentro de um determinado lugar discursivo, sem que tenha plena consciência disso. Ou seja, ele se inscreve em uma dada formação discursiva, dependendo de sua posição-sujeito. Orlandi (1999b), diz que: “[...] o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida do mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (Orlandi, 1999b, p. 17).

Assim, entende-se que um sujeito pode ocupar diferentes posições-sujeito ao longo de sua vida, por exemplo, uma posição-sujeito assumida, por uma pessoa do sexo feminino, a posição de mãe, esposa, amiga, estudante, professora etc. Contudo, é a partir do lugar social que ocupa em um determinado momento que é interpelada, pela ideologia, em sujeito discursivo. O lugar social que ocupa naquele momento (a posição-sujeito) determina o seu lugar discursivo que é determinado, então, pelo poder de fala, de onde se fala e para quem se fala.

Foucault (1969) aborda os conceitos fundantes da função-autor. O autor começa a discussão conceituando a equivalência do nome do autor, postulando que:

O nome do autor é um nome próprio; é equivalente a uma descrição. [...] a ligação do nome próprio com o indivíduo nomeado e a ligação do nome do autor com o que ele nomeia não são isomorfias nem funcionam da mesma maneira (Foucault, 1969, p. 83).

Em outras palavras, o nome de um autor não apenas o nomeia, mas também, traz um valor, um peso, carregado de significações singulares. O nome de autor não é apenas um elemento em um discurso, mas caracteriza um poder de fala, uma autoridade, ou seja,

caracteriza um certo modo de ser no discurso, de modo que em um discurso o fato de ter o nome de um autor traz um maior valor, uma maior propriedade, maior *status* (Foucault, 1969). É preciso frisar que nem todo texto tem a função-autor, por exemplo, uma receita de bolo, uma carta, um manual de instrução, pois essas tipologias textuais não são afetadas pela exterioridade, nem a contradição. Posto isto, pode-se dizer que há um certo número de discursos que são providos da função-autor, enquanto outros são desprovidos.

Ao se tornar autor, assume-se uma função social, ao se assinar uma determinada produção escrita está se atribuindo um valor àquela escrita. O nome do autor corre aos limites do texto que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser que o caracteriza. No interior de uma sociedade, esse conjunto de discurso se instaura na ruptura de um certo grupo de discursos e seu modo de significar. “Portanto, a função-autor é característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1969, p. 86). Nessa conformidade, há condições de funcionamento para ser reconhecido como autor, em que a sociedade reconheça enquanto tal, os sentidos tomados por ela.

A função-autor tem um lugar no discurso, um nome que pode ser apropriado e atribuído, tendo uma posição no discurso. Essa atribuição não é espontânea, é construída por um *ser* de razão que se chama autor. Esse *ser* de razão, ganha um *status* distinto: seria o indivíduo, uma instância “profunda”, um poder “criador”, o lugar originário da escrita. O que faz de um indivíduo um autor é apenas a projeção, o tratamento que se dá aos textos, a maneira como os sentidos reverberam na sociedade, variando de acordo com a época e os tipos de discurso. Foucault (1969) define a função-autor como:

A função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo do discurso; ela nasce se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários ego, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (Foucault, 1969, p. 72).

O nome do autor tem uma função social no discurso, ou seja, “enquanto ele é texto do autor e deste autor que o texto tem valor instaurado”. Portanto, os modos de circulação, valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam de acordo com cada cultura, a maneira com que eles se articulam nas relações sociais se decifra de modo mais direto no jogo da função-autor e em suas modificações do que nos temas ou conceitos que trabalham

(Foucault, 1969). Em suma, o autor é um agrupamento de discursos, sendo a origem de suas significações, sendo colocado como responsável por sua escrita.

Para Orlandi (2007), essa noção de função-autor não se limita apenas à fonte do dizer, aos produtores “originais” da linguagem, pois:

Para nós, a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim. Em outras palavras, ela se aplica ao corriqueiro da fabricação da unidade do dizer comum, afetada pela responsabilidade social [...], o autor responde pelo que diz ou escreve pois é suposto estar em sua origem. Assim, estabelecemos uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto (entre dispersão/unidade etc.) (Orlandi, 2007, p. 69).

Pode-se afirmar, com efeito, que o autor produz um lugar de interpretação, de forma que o sujeito somente se faz autor se o que ele produz for interpretável, inscrevendo sua formulação no interdiscurso, historicizando o seu dizer. Isso se dá, porque a história se inscreve na língua e, por conseguinte, ela se significa. Daí o equívoco necessariamente constitutivo da significação que é, ao mesmo tempo, um sistema e um acontecimento (Orlandi, 2007).

As palavras que são empregadas para significar não dizem tudo o que se gostaria de dizer, são sujeitas ao equívoco e à falha, pois não se consegue ter controle sobre seus sentidos possíveis na relação com a história e, com a exterioridade linguística. É possível fazer reparos na fala, para determinar os sentidos que se pretende empreender, bem como quando se escreve e sente-se a necessidade de reescrever os textos, em um esforço de controlar os sentidos que escapam.

Destaca-se que as palavras fazem sentido, porque já foram ditas, ou seja, já foram possíveis e formuladas em algum lugar, em algum momento que não se sabe onde, mas que significam. Em outras palavras, esses discursos já tiveram usos anteriores que fogem ao nosso domínio. Orlandi (2007) salienta que: “[...] o dizer é repetível, ou melhor, tem como condição a repetição. Não é porque é o mesmo, mas é o que é passível de interpretação: o que é passível de ser repetido, efeito de pré-construído (já dito) na relação com o interdiscurso” (Orlandi, 2007, p. 71).

Orlandi (2007) assevera, ainda, que: “Para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido” (Orlandi, 2007, p. 71). Então, em cada ato de enunciação, o sujeito atualiza os sentidos das palavras que diz, de acordo com as novas condições de produção em que se insere, ou seja, a cada novo contexto, isto é, os sentidos assumidos pelas mesmas palavras podem ser outros, uma vez que são diversos, mas nunca qualquer um. Portanto, esse dizer é

sustentado pelo interdiscurso, a memória discursiva que sustenta as formulações já ditas, mas esquecidas, construindo uma história dos sentidos. Dando a ilusão que o sentido nasce ali, não tem história.

No material de estudo desta pesquisa, nos textos poéticos, faz-se muito presente a memória histórica¹⁰ quando se evoca as condições de fundação da cidade, a exaltação do bioma Pantanal como forma de constituição do sujeito, em que o ambiente e o sujeito se constituem, se embricam para produção de sentido, do pertencimento, de identidade, da valorização. Sendo assim, o papel dessa memória histórica é a cristalização de determinados sentidos, em detrimento a determinados silenciamentos.

O silenciamento é necessário, inconsciente e, sobretudo, constitutivo para que o sujeito estabeleça a sua posição em relação aos dizeres possíveis (Orlandi, 2007, p. 71-72). É na função de autor que se percebe o efeito da historicidade inscrita na linguagem. Nessa perspectiva, tem-se o “*outro*” e “*Outro*”, o “*outro*” sendo o interlocutor (efetivo ou virtual) e o “*Outro*” é a historicidade concebida sob a forma do interdiscurso. Dessa forma, a posição-autor se constitui na relação de um lugar de interpretação definida pela relação com o “*Outro*” (o interdiscurso) e o “*outro*” (interlocutor), ao que chamamos de efeito-leitor, assim definindo a determinação ideológica da autoria (Orlandi, 2007).

Um autor pode assumir diferentes posicionamentos a depender do tipo de discurso. A partir dessa posição de que se fala, faz funcionar a memória discursiva e o interdiscurso, que faz funcionar, por conseguinte, o já dito e as formações discursivas que determinarão o que “pode” e/ou o que “deve” ser dito. Assim, tem-se o desdobramento do sujeito, em sujeito da enunciação (responsável pelo ato de dizer) e o sujeito universal (a memória do dizer). Deste modo, é a partir da memória discursiva que se abre as possibilidades de leitura, para os múltiplos sentidos que um texto pode conter.

É através da função de autoria que se tem acesso à incompletude do texto. A incompletude, na linguagem, é o lugar do possível, é a condição de movimento dos sentidos e dos sujeitos (Orlandi, 2007). É necessário destacar que todo texto tem relação com outros textos, pois eles estabelecem uma relação necessária com o que lhe é exterior e estabelecendo, assim, os possíveis sentidos. Um sujeito-autor nunca acaba por completo de construir um texto, a incompletude o caracteriza, a sua condição de existência na linguagem é a incompletude. Sendo assim, o sentido do texto está no espaço criado pelo uso de seus interlocutores.

¹⁰ Eni Orlandi, no livro *Discurso Fundador*, diz do ponto de vista discursivo sobre como a história se faz materialmente presente, enquanto memória, no discurso (2003, p. 41).

Assim como diz Ítalo Calvino em sua obra *Cidades Invisíveis* (1990), “O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes” (Calvino, 1990, p. 9), pode-se dizer que cada sujeito percebe e significa a cidade a partir do próprio ponto de vista, de suas memórias e experiências. Mesmo que, a materialidade simbólica, a cidade, “diz” ao sujeito o que deve pensar, a AD reconhece como efeito de evidência dos sentidos, parece natural, transparente, mas é um resultado de um processo, histórico e ideológico.

A cidade, portanto, não é fixa, mas múltipla e subjetiva, sendo construída discursivamente por quem diz sobre ela, por quem conta sobre ela – através da narratividade urbana – o sentido da cidade é produzido nas diferentes posições de sujeitos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DISCURSIVA DO TEXTO POÉTICO

Neste capítulo busca-se colocar em funcionamento, à luz da perspectiva da Análise de Discurso materialista, a compreensão dos efeitos de sentido que constituem os poemas sobre a cidade de Cáceres-MT. Tais poemas, tratados aqui como textos poéticos, são tomados como materialidades discursivas que permitem observar as representações imaginárias que dizem da cidade cacerense e de seus modos de significação.

Parte-se do pressuposto de que a poesia, ao inscrever-se na língua, produz efeitos de sentido, instaurando deslocamentos e novas possibilidades de significação. Nesse sentido, coadunamos, assim, com a assertiva de que: “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2009, p. 15).

Desse modo, entende-se que a poesia opera na língua, pela capacidade de uma palavra ter mais de um significado, sendo ainda a mesma, pois a poesia produz efeitos de sentido no jogo articulado entre significantes. É nesse jogo entre significante e sentido que se busca compreender de que modo a cidade de Cáceres é significada, representada e imaginada nos textos poéticos de escritores cacerenses.

Dessa forma, este capítulo dedica-se à análise discursiva dos textos poéticos de autores locais.

3.1 Os movimentos de sentido *sobre cidade*

*Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara
com ele, dá de encontro com ele, o encontra.*
(Pêcheux, 2008, p. 32).

O material selecionado para análise, como já dito, é tomado como sendo da ordem do simbólico, enquanto uma materialidade significante, em que se procura observar a projeção imaginária da cidade, pelo discurso poético, no texto e, também, a observação da relação da língua(gem) com o sujeito-poeta. Busca-se ler a cidade em seu “real de significação” (Orlandi, 1999, p. 9), procurando observar como ela se mostra e como é vista por sujeitos, escritores, poetas cacerenses.

Assim, neste trabalho, propõe-se compreender o funcionamento da língua(gem) por meio dos textos poéticos e, através dos gestos de leitura, observar o funcionamento dos sentidos

construídos pelo sujeito no âmbito simbólico mediado pelo discurso. Procura-se, nesse movimento, compreender o modo como a língua *é* e *está* sendo mobilizada e ressignificada *no/pelo* discurso poético. A partir disso, é que se pode compreender o funcionamento da língua(gem) pelo cerne do discurso, além da memória discursiva e dos sentidos produzidos a partir da relação entre língua, sujeito, história e função-autor, tomando o discurso *sobre* a cidade, neste caso, da cidade de Cáceres-MT. Entende-se, pelo ponto de vista teórico adotado, que se trata de acontecimentos *de* linguagem em épocas distintas, cada qual com a sua condição de produção, memória discursiva em funcionamento.

Mariani (2004, p. 1), em seus estudos sobre a poesia na língua, pontua que:

[...] o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões. Ao contrário, pode-se conceber como uma propriedade da ordem da língua essa capacidade de deslizamento poético. Um deslizamento que incide no corpo da língua, e sua materialidade significante.

Assim, pela poesia, há na língua um jogo que se coloca e que funciona na/pela sua articulação. O que interessa é compreender, através das formações discursivas, o jogo metafórico marcado pela poesia, com a possibilidade de um significante deslizar-se para outro significante. Esse deslizamento de sentido aponta para uma possibilidade de falha, ruptura, produzindo outros sentidos.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele não surge do nada, pois assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade que se organiza, por relações de poder (Orlandi, 2009). Ou seja, o imaginário condiciona o sujeito em sua discursividade como um modo dele entender *como* e *quais* efeitos de sentido estão sendo produzidos. Nesse sentido, leva-se em conta, nos textos em análise, o funcionamento da memória discursiva, ou seja, a língua(gem) na sua relação de (re)produção de sentidos *sobre* e *à* cidade.

Todos os mecanismos de funcionamento do discurso constituem as formações imaginárias, pois segundo Orlandi (2009):

[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções (Orlandi, 2009, p. 40).

Sendo assim, pelo discurso produzem as formações imaginárias, imagens dos sujeitos, dentro de um contexto sócio-histórico, resultando na posição-sujeito e seus interlocutores.

Desse modo, nas materialidades discursivas analisadas encontram-se diversas passagens do discurso ecológico que reverberam sentidos sobre a preservação e a conservação do ambiente natural, e o modo como o poder público lida com essas questões. Além da presença, fortemente, do discurso identitário, de pertencimento, de como o sujeito autor é atravessado pela cidade, sujeito e cidade se constituem, a poesia os entrelaça, da memória transborda sentidos. Nos textos poéticos “reverberam efeitos de nossa história em nosso dia a dia, em nossa reconstrução cotidiana de nossos laços sociais, em nossa identidade histórica” (Orlandi, 2003, p. 12). Nesta proposição, compreende-se os efeitos de sentidos funcionando nos textos poéticos, colocando em jogo o poético/a poesia da língua com os sentidos estabilizados, com a formação imaginária da cidade.

À vista disso, há o real da cidade e a cidade imaginária (Motta, 2005), instaurando uma contradição, dado que a cidade imaginária é aquela pensada no papel e do planejamento arquitetônico que não é sustentada pelo real. Em outras palavras, o real da cidade é a maneira como ela se mostra, e o imaginário é como está sendo mostrada, nesta investigação, na poesia. Portanto, ao se tomar a poesia enquanto um material passível de análise, enquanto memória discursiva e projeção imaginária da cidade, pensa-se em como o texto se significa e se corporifica, pensa-se acerca de seus sentidos em funcionamento. Nesses termos, há o real da cidade e a formação imaginária da cidade e do autor, em que se observa os efeitos de sentidos (re)produzidos. Há ainda distintas formações discursivas e ideológicas, distintos autores, nesse sentido, o real da cidade não se sustenta nas reais condições de produção. Nas formações imaginárias percebe-se uma exaltação da cidade, contudo, há falta de saneamento básico, tratamento de esgoto que são jogados no leito do rio. Isso mostra a relação do homem com a natureza, da falta do poder público, haja vista que é uma situação de saúde pública.

A língua(gem) funciona como uma base comum dos processos discursivos, consequentemente, diferentes discursos. Portanto, é pelo âmbito do discurso que os sujeitos têm acesso à língua, e nela, têm acesso ao funcionamento discursivo. Assim, é por meio do discurso que se pode compreender os sentidos possíveis e os gestos de interpretação do real que se tem de cidade. Dizer sobre a poesia é dizer do amor da língua construído, articulado, funcionando pela função-autor, é dizer do que se escapa da estrutura linguística, é dizer do impossível, do que se escapa à língua, da falha, dos deslizamentos de sentido.

Sendo assim, segue-se às análises, cada subseção trabalha um texto poético com seu respectivo escritor, seguindo a ordem: *Córrego Sangradouro* e *Ilha de Cáceres*, do escritor Natalino Ferreira Mendes; *Pôr do Sol Cacerense* e *Às Margens do Rio Paraguai* do escritor Odair José da Silva; por fim *Cáceres e seus encantos* do escritor José Ferreira da Costa.

3.2 O funcionamento discursivo do rio Paraguai nos textos poéticos de Natalino Ferreira Mendes

Nesta subseção busca-se analisar os textos poéticos *Córrego Sangradouro* e *Ilha de Cáceres*, do escritor Natalino Ferreira Mendes, procurando compreender o que eles dizem sobre o rio Paraguai, questionando: que efeitos de sentido compõem e sustentam a materialidade discursiva presente nos poemas? Como o rio Paraguai é representado nesses textos poéticos? Para isso, no gesto de ler a cidade procura-se fazer o mesmo movimento proposto por Orlandi (2001),

Atravessando os efeitos imaginários, que são da instância da organização, e procurando atingir o real da cidade, isso é, a ordem cidadina, vamos procurar compreender flagrantes da cidade. Em gestos, que são corpo e dão corpo à cidade (Orlandi, 2001, p. 10).

Por conseguinte, busca-se analisar os flagrantes sobre o rio Paraguai nos textos poéticos. Os textos poéticos de Natalino Ferreira Mendes, como mencionado, foram retirados de seu livro *Anhuma do pantanal: poesia da terra* (1993), que traz, em sua composição, poesias, sonetos, hinos, músicas e algumas mensagens. Foram escolhidos dois poemas para análise com o fito de observar o modo como a cidade de Cáceres é pensada e retextualizada no final do século XX. Propõe-se observar a maneira como está sendo (re)significada nesse período e como passa a ser significada pelos escritores contemporâneos. Todos dizem e podem dizer *sobre* cidade. Contudo, o marco temporal, as mudanças e a relação dos sujeitos citadinos com a urbe se modificam. Pretende-se, assim, observar a linguagem em funcionamento na cidade, a partir dos discursos que a constituem, uma vez que o maior sentido de fundação da cidade de Cáceres se faz em função do rio Paraguai. Assim, esse lugar passa a ser constitutivo dos sujeitos, que colocam em circulação sentidos de urbanidade e identidade.

No texto poético *Córrego Sangradouro*, de Natalino Ferreira Mendes (1993), pode-se perceber a valorização do córrego e a memória do historiador que é uma característica do escritor, além do progresso urbanístico em que o sujeito/poder público modifica o meio ambiente para melhor atender aos anseios da população, sem mencionar, ainda, o seu posicionamento sobre esse progresso. Nessa filiação teórica, a memória é um conceito fundamental, que está ligada à ideologia, à história e ao inconsciente. Sendo assim, a memória discursiva é a inscrição da história na linguagem, ou seja, é um pensamento coletivo, histórico e ideológico, que está ligado ao já dito anteriormente, em algum lugar, que marca o que pode ou não pode ser dito. Todo discurso é atravessado por outros discursos, assim, tudo o que se

fala já foi dito por outras pessoas, em outros momentos, ou seja, quem fala não é a origem do dizer, não é o primeiro a dizer algo. Os discursos já ditos antes deixam marcas, e essas marcas delimitam o que se pode ou não dizer, funcionando no inconsciente, isto é a memória discursiva em funcionamento. Desse modo, o sentido não é fixo, e a memória discursiva participa da produção de sentido, entre a estabilização (repetição, regularização dos implícitos) e a ruptura (a desregularização introduzidos por acontecimentos discursivos) (Pêcheux, 1999).

Segundo Maluf-Souza (2004), os discursos que instituem uma cidade falam diretamente da sua história de sua constituição. Percebe-se uma relação constitutiva e identitária que se faz entre o sujeito-autor e o rio Paraguai, e essa relação faz parte da cidade. É através da análise da relação da cidade com o rio que a institui, que faz funcionar a discursividade que o rio funda e materializa as formas de pertencimento, de identidade do sujeito-autor.

3.2.1 Texto poético 1: *Córrego Sangradouro*

Córrego Sangradouro

Da mata verdejante do oriente da cidade,
surgias correntoso da velha “Ponte-Alta”,
longa e estreita,
de madeira,
na passagem
da hoje rua Frei Ambrósio.

Sinuoso corrias
por terrenos baldios,
penetrando o quintal do meu avô,
- meu paraíso de criança,
e logo após te perdias
nas águas
do caudaloso Paraguai.

Transbordante nas cheias de verão,
eras o enlevo das crianças
que em tuas águas correntosas
alegres se banhavam.

Quanta vez te vi amanhecer soberbo
como um rio,
ímpetuoso no teu imenso volume d’água,
espumando nos rebojos,
sobranceiro,
ultrapassando a velha ponte de madeira
do quintal dos meus folguedos.
Velha ponte de troncos carcomidos
tantas vezes arrancada

e arrastada
pela forte correnteza.

Tinhas um destino
- sangrar os campos das redondezas
da cidade
na época das chuvas.
Já nas primeiras águas de verão
ao entardecer dos dias
que vão longe,
os batráquios em bandos,
numerosos,
rompiam em coro em tuas margens,
formando barulhenta orquestra,
em festival,
que se prolongava pela noite adentro,
até de madrugada,
embalando-me o sono juvenil.

Em meandros tangenciavas,
caprichosos,
a área urbana da cidade
de São Luiz,
deixando para o norte
o mais antigo bairro cacerense
- a Cavallhada.

Hoje, retificado o leito
e as margens asfaltadas,
já não és o mesmo ribeirão de outrora.
Ao teu destino de sangrar os campos
se juntou a triste sina
de coletor de resíduos da cidade.

Mais de cinquenta anos
lá se vão...
Que mudança, meu pobre ribeirão!

Fizeram de ti em canal
com amplas avenidas laterais,
mas não conseguiram dissipar o mau-cheiro
que, morto, do teu leito se desprende.

Do passado ... só ficou-te o nome
- SANGRADOURO,
e a saudade no coração da gente
que te viu
no esplendor das enchentes de verão
(Mendes, 1993, p. 24-25).

Discursivamente, sob o crivo da análise de discurso, trabalha-se com o material
significante. Entende-se que há diferentes práticas sociodiscursivas, funcionando e compondo
diferentes materialidades, que podem evocar sentidos distintos. Com métodos da própria teoria

é possível compreender o funcionamento discursivo de um texto, ou seja, entender os efeitos de sentido que são produzidos a partir de tal texto, propondo novas maneiras de lê-lo e interpretá-lo, observando como os sentidos nele se constituem, uma vez que são postos em circulação e, portanto, à interpretação.

Em algumas passagens do texto poético, observam-se projeções imaginárias da cidade, tanto da cidade real, quanto da cidade imaginária, ou seja, o real seria o que se significa no âmbito simbólico, a maneira como a cidade se apresenta. No recorte: “Da mata verdejante do oriente da cidade, / surgias correntoso da velha ‘Ponte-Alta’ [...]”, pode-se observar que o sujeito-poeta projeta uma cidade mítica, marcada pelo verde, em que o urbano aparece associado à natureza e a infância do sujeito-poeta – um espaço de pureza e movimento – discursivamente, há o funcionamento da memória discursiva. Outro trecho “penetrando o quintal do meu avô, / meu paraíso de criança” percebe-se que a cidade é construída de maneira afetiva e memorial, a cidade é interiorizada pelo sujeito-poeta, construindo uma projeção imaginária da cidade a partir de seu gesto de leitura, sua subjetividade. Logo, o imaginário seria a maneira como o escritor trabalha com o simbólico dentro do discurso poético. Mariani (2004, p.15) afirma que o processo metafórico consiste na “[...] possibilidade de haver deslocamento dos sentidos. Falar sobre metáfora, então, é falar sobre o deslocamento e sobre sentido. Os sentidos existem nas relações de metáfora”. Esse jogo permite ao sujeito-autor trabalhar essa tensão, da cidade real e imaginária, da relação do sujeito com a cidade, e do poder público com a cidade.

Um jogo é instaurado na língua que funciona pela metáfora, através da poesia, funcionando pelas palavras, atravessado pela ideologia. Os novos sentidos se dão pelo jogo saudosista do sujeito-autor e pelo descaso do poder público para com o córrego, pelo silêncio, a falta de ação em preservar o córrego.

Percebe-se, na escrita de Mendes (1993), que o sujeito-poeta está inserido em uma formação discursiva que valoriza a memória do historiador, ligada às lembranças do cotidiano da urbe com os sujeitos citadinos e a memória sociocultural. A partir do momento em que elas se juntam, tem-se o acionamento da memória discursiva. Observa-se o funcionamento de dados efeitos de sentido entre o *real* e o *imaginário*, a partir da relação entre as suas condições de produção (historicidade) e a memória discursiva em articulação.

No título do texto poético *Córrego Sangradouro*, a palavra “sangradouro” remete à sangria, sangue, produzindo um efeito de um córrego que sangra a cidade, de que o córrego é sangue. Pode-se ver aqui o acionamento da memória discursiva, em que aciona memórias de abandono, de um tempo anterior, em que o córrego tinha outra função, outro valor simbólico.

Além da metáfora, em que rompe com o sentido literal de sangradouro, efeito de deslizamento de sentido, que se inscreve em uma crítica implícita, de poluição, de abandono, de degradação urbana. E essa crítica implícita é uma ausência significativa, pois critica o poder público, a população implicitamente.

O sujeito se constitui na e pela linguagem, contudo tem a ilusão de ser a origem do dizer, pensando ser o detentor do sentido, da clareza. Esse efeito é nomeado de *formação imaginária* (Pêcheux, 1997, p. 83) o termo é conceituado como o conjunto de representações que o sujeito tem sobre si, sobre o outro e sobre a língua, que sustentam os efeitos de sentido no discurso.

A formação faz o sujeito se identificar com o que diz, além de atribuir características determinadas ao outro, assim a formação imaginária atua junto com a ideologia e a formação discursiva, ou seja, o sujeito-autor não diz o que quer, porém tem a ilusão de que o faz, isso acontece porque o sujeito é interpelado pela ideologia e se identifica com determinadas posições discursivas construídas socialmente. Segundo Pêcheux (1997), o sujeito se imagina como fonte de seus próprios dizeres. Essa relação imaginária é condição de funcionamento do discurso: é ela que sustenta a ilusão de autoria, de controle sobre os sentidos.

Assim, os efeitos de evidência são efeitos ideológicos que dão a impressão do sentido de um discurso ser óbvio, transparente, sendo assim, os efeitos de evidência se produzem quando determinados sentidos se repetem tanto que parecem “estabilizados socialmente”. Ou seja, os efeitos de evidência sustentam a ilusão de sentido “claro” e “transparente”, que é resultante de processos ideológicos de repetição e apagamento, silenciamento de outros possíveis sentidos, que funcionam a partir da circulação de discursos estabilizados socialmente construídos, sobretudo, por determinações históricas e discursivas.

Ao representar o córrego como espaço de memória afetiva com a cidade, o sujeito-autor mobiliza sentidos que rompem com os sentidos do discurso urbanístico, que fazem parecer natural a modernização da urbe, a canalização do córrego. Esses efeitos de evidência ocultam apagamentos simbólicos que sustentam essa “naturalidade”.

No trecho “Da mata verdejante do oriente da cidade, / **surgias correntoso** da velha ‘Ponte-Alta’” (Mendes, 1993, p. 24, grifo nosso), no início do poema, percebe-se que o sujeito-poeta se inscreve em uma formação discursiva saudosista, característica da escrita de Mendes (1993), em que o córrego Sangradouro é visto como algo grandioso e, portanto, digno de saudosismo, assim, aciona sentidos históricos, afetivos e políticos sobre o córrego. Como dito anteriormente, o córrego Sangradouro nasce na zona rural cacerense e perpassa por toda a cidade, cortando-a, até desaguar na baía do Malheiros, em um dos braços do rio Paraguai.

O termo “surgias”, do ponto de vista sintático, remete à segunda pessoa do singular do pretérito imperfeito no modo indicativo. O sujeito desta oração é elíptico, ou seja, um sujeito oculto, podendo ser identificado facilmente no decorrer do texto poético. Dizer acerca do córrego Sangradouro em segunda pessoa do singular – o tu –, indica sentidos de uma certa proximidade com o interlocutor. Nesse sentido, o córrego Sangradouro ganha um *status* de personagem, uma vez que é personificado nas palavras de Mendes (1993). Em sua escrita, pode-se perceber que a cidade é tratada como sujeito, pois ela se mostra, se faz perceber, está discursivamente ativa nos textos poéticos.

Na segunda estrofe, Mendes (1993) continua dizendo sobre o córrego, “**Sinuoso** corrias / por terrenos baldios, / penetrando o quintal do meu avô, / - meu **paraíso** de criança, / e logo após te perdias / nas águas / do **caudaloso** Paraguai” (Mendes, 1993, p. 24, grifo nosso). Nesse trecho, percebe-se a admiração e a valorização do córrego, bem como da presença de memória do historiador, de sua infância. Nota-se, também, o funcionamento de um discurso que se inscreve no campo ambiental, a perspectiva e leitura da água como sendo, para os sujeitos citadinos e, para ele (*eu lírico*) próprio, uma fonte de beleza e entretenimento. Nessas formações discursivas, observa-se a posição-sujeito-autor do enunciador enquanto morador da cidade, cuja relação com o espaço urbano é marcada por sentidos de afeto, evidenciados pelo uso recorrente de adjetivo que qualificam distintos termos, configurando um processo de adjetivação significativa.

Entende-se que os adjetivos não são meros recursos gramaticais, mas funcionam como marcadores discursivos, de que o sujeito-autor se apropria para marcar seu posicionamento. Dessa maneira, o uso desses elementos não serve apenas para qualificar ou descrever a cidade, mas para construir uma cena enunciativa, revelando seu posicionamento, sua ideologia produzindo efeitos de legitimação. Para Maingueneau (2008), a escolha dos adjetivos não é neutra, ora é um gesto de valorização simbólica, como o uso dos adjetivos “soberbo”, “caudaloso”, ora ativam memórias, afetividade e críticas urbanísticas, como o uso dos adjetivos “abandonado”, “silencioso”, “esplendoroso”. Dessa forma, o tom discursivo marca um posicionamento no interdiscurso.

O sujeito-autor utiliza os adjetivos para montar uma cenografia, delineando a forma como o leitor percebe a cena. De acordo com Maingueneau, “a cenografia é, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la [...]” e ainda esclarece que “o conteúdo aparece como inseparável da cenografia que lhe dá suporte” (Maingueneau, 2008, p. 51), ou seja, o uso dos adjetivos constrói um cenário que posiciona o leitor diante de um espaço simbólico, a cidade.

De forma que, o que é dito (conteúdo) e como é dito por meio dos adjetivos e das formações imaginárias da cidade (cenografia) aparecem como inseparáveis. Assim, a escolha dos adjetivos não apenas aciona sentidos, mas também institui um posicionamento do sujeito-autor, ora uma relação afetiva com a cidade, ora uma relação crítica com o urbanismo.

Nesse sentido, ao constituir essa cenografia poética o sujeito-autor ativa uma memória discursiva que rompe com a lógica do progresso urbano e reconfigura a cidade como corpo simbólico.

Para compreender o discurso, é necessário, primeiramente, entender que o sujeito é atravessado pela ideologia. O sujeito-poeta ocupa a posição de um sujeito que fala da cidade como corpo simbólico, conforme se insere ideologicamente. Os textos poéticos são um gesto de interpretação que reverbera sentidos sobre o espaço urbano, pode-se dizer que: “[...] o lugar a partir do qual o sujeito fala, é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2009, p. 39), uma vez que a: “[...] nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, essas relações de força são sustentadas pelo poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação” (Orlandi, 2009, p. 40). Faz-se necessário frisar que o sujeito-autor é poeta, historiador e memorialista, o que reverbera sentidos em seus textos poéticos, pois a sua posição-sujeito tem uma maior construção, relevância social.

Nesse sentido, a autoria não é apenas uma expressão pessoal, emocional, na perspectiva teórica adotada, a autoria é compreendida como um gesto de interpretação a partir de sua posição sujeito-autor. Essa posição mobiliza sentidos de memória, pertencimento e resistência, além da ruptura de sentidos do discurso urbanístico. Autoria então é o efeito que o sujeito-autor produz a partir do seu gesto de interpretação, em que reinscreve sentidos discursivamente. Na função-autor o sujeito se coloca enquanto a origem do dizer, esse movimento ocorre para que o sujeito possa significar. Contudo, pelo crivo discursivo, o sujeito é descentrado. Sendo assim, quando o poema fala do córrego, aciona sentidos já ditos anteriormente sobre o lugar, sentidos históricos, afetivos, políticos.

Sintaticamente, o uso do verbo “corrias”, flexionado e empregado na segunda estrofe do texto poético, no modo indicativo, no pretérito imperfeito, usado na primeira pessoa do singular, demonstra que o sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva em um processo de identificação com o córrego, isso implica em dizer que o rio e a cidade são constitutivos do sujeito-autor, tal como observado pelo uso do pronome possessivo “meu (paraíso de criança)”. Desse modo, pode-se perceber que o sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva memorialista e afetiva, produzindo efeitos de sentido que ligam o corpo

do sujeito-autor ao espaço urbano, formando uma unicidade, atando-os, formando um “eu urbano”.

Na escrita, o sujeito-poeta retrata a maneira como o espaço o afeta a tal ponto que se juntam, formando um só, uma vez que:

Em uma sociedade como a nossa, o sujeito urbano é o corpo em que o “capital” está investindo. Num espaço de memória particular, a história de subjetividades que aí se instala se formula pela noção de “eu” urbano. Esse sujeito, por sua vez, como está produzindo sentidos na cidade – textualizando sua relação com objetos simbólicos no mundo – produz uma realidade estruturada da maneira como esse espaço o afeta, reverberando sentidos do / no imaginário urbano (Orlandi, 2001, p. 10).

Conforme vai-se tecendo *sobre* o rio, é possível ir percebendo os sentidos do rio/córrego. Na passagem da terceira estrofe o discurso ambiental vai sendo tecido: “**Transbordante nas cheias** de verão, / eras o **enlevo** das crianças / que em tuas águas **correntosas / alegres se banhavam**” (Mendes, 1993, p. 24, grifo nosso). Desse modo, pode-se perceber que o córrego vai configurando a cidade, dando vida a ela e fazendo a alegria das crianças.

Na quarta estrofe de Mendes (1993), são apontadas a exaltação poética e a crítica ao urbanismo, como pode-se ver nesse trecho: “Quanta vez te vi amanhecer **soberbo** / como um **rio**” (Mendes, 1993, p. 24, grifo nosso). Nessa formulação, observa-se a exaltação poética como uma estratégia discursiva, não apenas como uma emoção. Na perspectiva teórica da Análise do Discurso, a exaltação poética funciona como um espaço de resistência simbólica, em que o sujeito-autor se posiciona no discurso, fazendo funcionar determinados sentidos. Nesse trecho, há um movimento discursivo, uma metáfora, que compara o córrego a um rio. Tal comparação ocorre devido ao volume d’água durante o período de cheia, com a água límpida, correntosa e abundante. Contudo, percebe-se outro olhar em funcionamento ao longo do poema que é uma crítica ao urbanismo, em que incide sobre o sujeito e o ambiente. Esse movimento urbanístico tece efeitos sobre a posição sujeito e a cidade em nome do progresso. Isto como um modo de dar passagem a uma cidade mais funcional e rápida no que se refere, por exemplo, à mobilidade urbana dos sujeitos e suas relações. Observa-se que a exaltação ocorre enquanto um meio possível de validar o posicionamento do sujeito-autor.

Percebe-se, então, o funcionamento discursivo de uma tensão, de um lado, a exaltação da beleza natural, de outro, uma crítica ao progresso urbanístico. Essa tensão se dá pela metáfora “soberbo como o rio” que carrega o efeito de equívoco, em que de um lado projeta uma imagem grandiosa da natureza, e por outro, há um embate simbólico entre o natural e o urbanístico, em

que o sujeito-autor se posiciona criticamente à transformação citadina, na busca de um espaço mais funcional. Essa exaltação remete ao discurso identitário, uma vez que se inscreve em uma formação discursiva de pertencimento, de valorização do espaço natural, de afeto e também de resistência ao apagamento simbólico do córrego, tensionando os sentidos estabilizados de desenvolvimento e mobilidade que atravessam o discurso urbano.

Em uma dada formação discursiva, o sujeito-autor utiliza verbos no pretérito imperfeito como “surgias” e “corrias”, para indicar as ações do córrego que já não ocorrem mais, marcando uma temporalidade de continuidade interrompida. O uso da forma verbal “vi”, por sua vez, conjugado na primeira pessoa do singular no pretérito perfeito, marcando que, naquele momento, o córrego era vivo e abundante reforça a afetividade do sujeito-autor. Dessa forma, a exaltação do córrego por meio da memória, no tempo presente, traz uma crítica implícita, pois ao evocar o passado evidencia tanto o apagamento e um silenciamento das políticas públicas voltadas à preservação ambiental, quanto a ausência de mobilização da população, atravessada por uma carência de educação ambiental. O sujeito-poeta articula uma posição discursiva que tensiona o presente e o passado para significar, a omissão e o abandono do espaço natural pelo discurso urbano atual.

Com Orlandi (2001) também pode-se dizer que: “[...] há uma sobreposição do urbano sobre a cidade de tal modo que o que eu tenho chamado discurso do urbano silencia o real da cidade (e o social que o acompanha)” (Orlandi, 2001, p. 13). Esse apagamento acontece pelo olhar homogêneo e hegemônico de pensar a cidade, fazendo parte, com efeito, do senso comum. Ou seja, na cidade imaginária projetada pela posição-sujeito-autor, há uma exaltação das belezas naturais. A realidade mostra que não há essas ações, tanto o poder público, quanto a população, não se mobilizam frente a questão de preservar o córrego.

Sobre o trecho: “Tinhas um destino / - sangrar os campos das redondezas da cidade / na época das chuvas” (Mendes, 1993, p. 24), apesar de o córrego Sangradouro ter uma nascente e ter seu percurso natural até a sua foz onde deságua, na baía do Malheiros, ele passou por algumas intervenções, por exemplo, a sua canalização. Nessa parte da formulação discursiva, ainda pode-se ver que se inscreve a interpretação de seu curso natural. Porém, é possível ver mais adiante que o texto poético toma outros sentidos para o córrego.

O termo “tinhas”, do ponto de vista sintático, está sendo usado na segunda pessoa do singular, no pretérito imperfeito e marca um destino que não se tem mais. Há uma formação ideológica que sustenta as formações discursivas de forma que o sujeito-autor se vale de seu poder e fala/enuncia para criticar o urbanismo. Vale ressaltar, com efeito, que esse texto poético foi escrito no final do século XX, e que algumas problemáticas ambientais ainda persistem até

o momento, como por exemplo, o lançamento de detritos e dejetos na bacia do Malheiros, esgoto a céu aberto.

Desse modo, compreender a linguagem na perspectiva da AD, implica concebê-la como um funcionamento histórico e ideológico, no qual o sujeito e o sentido se constituem mutuamente. O enunciador ao dizer “tinhas”, significa a perda, entre o passado e o presente, instaurando um gesto de interpretação ancorado na memória discursiva, de um tempo em que a natureza e o urbano estabeleciam uma relação harmônica. Essa escolha verbal remete a uma formação discursiva de resistência, em que o sujeito-poeta denuncia a degradação ambiental e o apagamento da memória coletiva, configurando uma posição-sujeito crítica diante das transformações impostas pelo urbanismo moderno. Nesse movimento, o dizer poético torna-se um espaço de reinscrição dos sentidos da cidade, um lugar onde a linguagem faz emergir confronto entre o que foi e o que resta.

O enunciado “Hoje, retificado o leito / e as margens asfaltadas, / já não és o mesmo ribeirão de outrora. / Ao teu destino de sangrar os campos / se juntou a triste sina / de coletor de resíduos da cidade” (Mendes, 1993, p. 25) mostra, no funcionamento da linguagem, o deslocamento dos sentidos no rio. O que antes era símbolo de vida, de movimento e de ligação entre a natureza e cidade, torna-se agora signo de morte e degradação. O uso da forma verbal “és” e a escolha lexical “triste sina” produzem um efeito de interpelação e personificação do rio, em que assume uma posição de sujeito no discurso, marcando o vínculo afetivo e memorial entre o enunciador e o espaço urbano.

Nesse discurso, o sinuoso córrego passa a ser um coletor de resíduos. O asfalto, visto como progresso, é ressignificado como marca de destruição, sua presença, então, simboliza uma ruptura entre o rio vivo e o rio aprisionado. A linguagem poética faz emergir, assim, efeitos de sentido de perda e denúncia, articulado pelo dizer individual à memória coletiva da cidade.

Essa crítica vai ao encontro de outros estudos contemporâneos, da área da Geografia, como o de Santana *et al.* (2019) de que: “[...] a urbanização promoveu profundas mudanças na paisagem da bacia do córrego Sangradouro, através da execução das obras de canalização [...] sem a preocupação com a sustentabilidade do canal” (Santana *et al.*, 2019, p. 31). Desse modo, o texto poético antecipa e reinscreve discursivamente as problemáticas ambientais que persistem até hoje, revelando o modo como a linguagem constrói sentidos sobre o urbano e o ecológico, a partir da memória e da ideologia.

Barros e Souza (2012) também fazem apontamentos acerca do lançamento de detritos e dejetos no córrego Sangradouro. Desse modo, os autores pontuam acerca da falta de políticas públicas à proteção e preservação do meio ambiente pantaneiro. Neste trecho do poema, “Mais

de cinquenta anos / lá se vão ... / Que mudança, meu pobre ribeirão! / Fizeram de ti em canal / com amplas avenidas laterais, / mas não conseguiram dissipar o mau-cheiro / que, morto, do teu leito se desprende” (Mendes, 1993, p. 25), pode-se ver, no início, que o funcionamento discursivo da expressão “mais de cinquenta anos” remete às condições de produção históricas do dizer. O sujeito-poeta, situado em um tempo posterior à urbanização, mobiliza a memória de um passado que resiste no presente, marcando o intervalo entre o vivido e o dito. Esse recorte temporal revela a materialidade histórica do discurso, uma vez que o texto poético é produzido em um contexto, em que o córrego já havia sido canalizado, o que sustenta a perda e denúncia.

Além de localizar o dizer no tempo, também inscreve o sujeito-poeta nas condições concretas de sua enunciação, atravessadas por políticas urbanas e pela degradação ambiental. Conforme Souza (2012) as modificações no leito do córrego intensificaram os problemas ambientais, como o mau-cheiro resultante do despejo de esgoto e a morte de seu leito natural. O texto poético, portanto, significa esse contexto histórico e social, reinscrevendo-o pela via simbólica da linguagem poética e revelando como as condições de produção determinam e possibilitam os sentidos que atualizam o discurso.

No âmbito sintático, o uso da forma verbal “fizeram”, na terceira pessoa do plural e no pretérito perfeito, sem a explicitação do sujeito da oração, sugere uma ação impessoal e institucional, atribuída implicitamente ao poder público ou à prefeitura. Tal escolha verbal produz um efeito de distanciamento entre o enunciador e o agente da ação, ao mesmo tempo que evidencia a crítica ao processo de urbanização que modificou o canal em nome do progresso. Neste discurso, percebe-se o modo de funcionamento da questão da quantidade. Sobre isso, Orlandi (2001) pondera que: “A quantidade se coloca aqui como uma questão propriamente do espaço significante da cidade: os sentidos públicos no espaço urbano” (Orlandi, 2001, p. 17). É preciso dizer que se está analisando uma cidade bicentenária, cidade à qual é localizada pelo bioma Pantanal, pelo rio Paraguai e por diversas nascentes. Esse silenciamento do poder público reclama sentidos.

O último parágrafo soa como uma despedida daquilo que o córrego Sangradouro já representou, marcando um passado de esplendor que ficará guardado na memória dos sujeitos que constituem aquele espaço urbano. Observa-se, pela função-autor, que as memórias de infância relacionadas à cidade vão reconfigurando outras memórias citadinas, evidenciando um processo polissêmico em torno do córrego. Os sentidos que atravessam os enunciados manifestam-se de diferentes formas, marcados, sobretudo, pelo uso excessivo dos adjetivos que qualificam o Córrego Sangradouro. Ao longo do poema, o córrego é nomeado como “correntoso”, “sinuoso”, “transbordante”, “soberbo”, “impetuoso”, constituindo uma imagem

de vitalidade e movimento, contudo, ao final, é representado como “coletor de resíduos da cidade”, revelando o deslocamento de sentidos e a crítica à degradação ambiental e urbana.

Com a finalidade de pensar a cidade do ponto de vista discursivo, remete-se à Orlandi, que afirma:

[...] a cidade é um espaço simbólico particular tendo sua materialidade que produz sua própria forma de significar. Em outras palavras, a cidade se caracteriza enquanto espaço em que se materializam gestos de interpretação específicos, aqueles que constituem o urbano. No espaço da cidade, o simbólico e o político se articulam de forma particular. A isto chamo ordem do discurso urbano (Orlandi, 2012, p. 186).

A autora destaca que o simbólico e o político se articulam; nesse texto poético, há um funcionamento político do sentido de público na cidade. Dessa maneira, o córrego Sangradouro funciona como um lugar discursivo, ou seja, não é somente um espaço da cidade, mas sim um espaço de disputa de sentidos da cidade de Cáceres, pois é retratado como uma memória viva e afetiva, constitutiva histórica. O sujeito-autor constrói uma relação afetiva com a cidade, um discurso identitário, de pertencimento na relação entre sujeito, cidade e natureza. Contudo, há uma tensão discursiva no poema, o contraste entre belo e feio, a beleza natural como paisagem viva e simbólica, parte da constituição identitária dos sujeitos, e o urbanismo que silencia, apaga o córrego em nome do progresso.

A transformação urbana funciona como um apagamento simbólico do córrego e dos sujeitos citadinos, uma vez que o córrego é parte significativa da cidade, uma memória social que configura pertencimento à cidade. Nesse texto poético, há uma resistência e uma disputa do sentido de “público”, pois a materialidade simbólica emerge como um corpo simbólico que se inscreve no discurso identitário, de pertencimento, que aciona uma resistência das ações do poder público de canalizar o córrego, para melhorar a mobilidade urbana. E é um espaço de resistência simbólica da reconfiguração do espaço público urbano, e ao mesmo tempo, mostra o descaso do poder público, em não preservar, além de que, a partir do momento que ocorre a canalização, perde-se o espaço compartilhado, perde-se a identidade e o sujeito citadino também silencia o córrego.

3.2.2 Texto poético 2: *Ilha de Cáceres*

No poema *Ilha de Cáceres*, de Natalino Ferreira Mendes (1993), percebe-se que o autor retoma as condições da fundação da cidade, colocando em funcionamento a memória

histórica ao enunciar sobre o modo como a cidade era antigamente. Nessa perspectiva, pode-se observar o funcionamento da memória discursiva, compreendida, segundo Orlandi (2009), como o retorno de dizeres já ditos em outros lugares e momentos, que se atualizam em novas condições de produção. O poema reinscreve sentidos do passado, fazendo emergir, na materialidade poética, o entrelaçamento entre história, memória e discurso, que produz o efeito de continuidade e identidade da cidade de Cáceres.

Ilha de Cáceres

Ilha
(Insula)
Que dantes eras
Formada pelas terras
Da nacional fazenda de Caiçara.
Língua de terra
Que o rio Paraguai,
Ao contorná-la,
Sinuoso,
Traçava um grande S (esse)
Para banhar as antigas praias
Da cidade cacerense de São Luiz.

Era assim a paisagem
No passado:
- A cidade
O porto
As praias
A península e sua mata,
Ora enxuta, ora alagada pelas águas das enchentes,
O rio que desce
Desenhando um grande S (esse)
Como sinal
De rara beleza
Da nossa pujante natureza.

Mas um dia, ó península,
Cortaram-te o cordão umbilical
Que te prendia às terras de Caiçara.
Foi a causa.
A memória da urbe conservou
Ciosa
O ano em que te fizeram ilha,
Desprendida da península:
- Mil oitocentos e setenta e nove!
Rasga-se o estreito istmo
Que te ligava à fazenda nacional,
E, livre
Te tornaste ilha,
- Ilha de Cáceres,
Nomenclatura nova

Na geografia regional.
 O rio já não descreve o grande S (esse).
 Encurtou caminho quando desce
 Para o sul.
 Em compensação, ficou-nos a baía de Cáceres,
 E, como alimentadores da baía,
 O Furado Grande e o Furadinho.

Debruçados na armadura
 Do antigo cais
 Da praça Rio Branco,
 Nem percebemos quanto és linda
 Ó ilha,
 No quadro cacerense,
 Que compões,
 Com o rio, a mata, o céu e a terra. (Mendes, 1993 p. 22-23).

Nesse texto poético, há um resgate das condições de fundação da cidade, conforme anuncia o título *Ilha de Cáceres*, que já projeta uma imagem geográfica e simbólica da cidade situada às margens do rio Paraguai. A materialidade discursiva mobiliza dizeres que remetem a outros acontecimentos históricos, produzindo efeitos de sentido relacionados às condições de produção do espaço urbano: a escolha do lugar, o solo fértil, bem como os recursos hídricos abundantes que favoreceram a fundação da cidade. Assim, o poema reinscreve a memória discursiva desse momento originário, revelando como a ambiência natural se constitui como fator determinante na construção dos sentidos de pertencimento e identidade.

O sujeito-autor assume gesto de interpretação que articula a dimensão história urbana e simbólica da cidade de Cáceres. Nesse funcionamento discursivo, seu dizer é atravessado pela nostalgia e pela tentativa de resistência ao apagamento urbano, configurando o texto poético como um espaço de memória e resistência simbólica. O sujeito-poeta se constitui, assim, na posição de guardião da memória coletiva, reinscrevendo, pela linguagem, aquilo que o tempo e o progresso tendem a silenciar.

A primeira estrofe do texto poético diz: “Que o rio Paraguai, /Ao contorná-la, / Sinuoso, / Traçava um grande S (esse) / Para banhar as antigas praias / Da cidade cacerense de São Luiz” (Mendes, 1993, p. 22). O rio foi um fator determinante à escolha de fundação da cidade de Cáceres, tanto para a agricultura e sobrevivência, quanto para questões de lazer e transporte. Observa-se que Mendes (1993) no texto poético 2, enaltece o rio com expressivo entusiasmo, o que constitui uma regularidade discursiva em sua escrita e evidencia uma formação imaginária construída em torno da cidade e seus elementos naturais. Essa formação imaginária projeta um olhar afetivo e valorizador sobre o espaço cacerense, no qual o rio é tomado como símbolo de identidade e pertencimento. Assim, ao produzir um discurso de

exaltação da paisagem local, o sujeito-poeta reinscreve sentidos de valorização de sua terra e sua origem, reafirmando, pela linguagem poética, um gesto de resistência simbólica frente ao apagamento da memória e às transformações urbanas.

Desse modo, entende-se que o rio Paraguai dá corpo à cidade de Cáceres, uma vez que a constitui e reclama sentidos através dos processos de navegação, de suas riquezas naturais que o rodeiam, de ser fonte de alimento à fauna e, também, aos sujeitos cacerenses, e, ainda, o rio Paraguai constitui o espaço citadino enquanto ofício social dos sujeitos urbanos. Assim, pela função-autor, tem-se acesso às diferentes ideologias que funcionam no texto, principalmente a identificação com a cidade, a maneira saudosista de falar sobre o lugar e de sua historicidade.

Na próxima estrofe a ser analisada, percebe-se que ela traz um pouco da cidade de Cáceres e como ela significava no passado: “Era assim a paisagem / No passado: / - A cidade / O porto / As praias / A península e sua mata, / Ora enxuta, ora alagada pelas águas das enchentes, / O rio que desce / Desenhando um grande S (esse) / Como sinal / De rara beleza / Da nossa pujante natureza” (Mendes, 1993, p. 22).

Então, nota-se que a natureza era parte constitutiva dessa “cidade do passado”, um ambiente natural, cheio de vida e beleza. O discurso marca, também, características do bioma Pantanal, as áreas úmidas, ora enxuta, ora alagada. O uso do verbo *ser* flexionado em “era”, no pretérito imperfeito, marca como a cidade fora no passado, ressaltando aquilo que o bioma Pantanal foi, ou seja, uma planície alagada que foi modificada ao longo dos anos por interferências do próprio homem.

No discurso, o movimento do rio é carregado de significados, pois, ao deixar de contornar a península, não só sinaliza uma mudança geográfica, como também uma ruptura na memória simbólica da cidade, pois o “S” não é apenas uma curva, mas um símbolo de beleza e identidade. A partir dessa ruptura entre o presente e o passado, entre a paisagem natural simbólica e atual reescrita pelo urbanismo, há uma inscrição da paisagem urbana em novos sentidos.

Desse modo, pode-se dizer que as materialidades discursivas são constituídas em sua própria formulação, ou seja, tem a ver com aquilo que já foi experienciado pelos sujeitos, seja vivido, ouvido, lido, entre outras ações. É nesse jogo de *o mesmo* e *o diferente* que os sujeitos e os sentidos se movimentam e se entrelaçam. É a partir de um dizer já estabelecido que se pode ter novas reformulações abrindo, assim, espaço para novos dizeres.

No próximo trecho, verifica-se a transformação da urbe, as modificações no ambiente pelo urbanismo, salvo a pontuar a data do evento: “**Cortaram-te o cordão umbilical** / Que te prendia às terras de Caiçara. / [...] O ano em que te fizeram ilha, / Desprendida da península: /-

Mil oitocentos e setenta e nove!” (Mendes, 1993, p. 22, grifo nosso). O corte, o umbilical, do ponto de vista discursivo, há um deslizamento de sentidos ao que se gesta pelo corte. Esse trecho ativa a formação discursiva da memória histórica, esse corte entre a península e a fazenda remete à ideia de separação, mudança de identidade territorial, reforçando o sentido de perda simbólica. Vale ressaltar que cada discurso tem, em sua constituição, dadas condições de produção, inserido e formulado dentro em um espaço sócio-histórico.

A separação geográfica pode ser vista como uma metáfora identitária fragmentada, “Foi a causa. / A memória da urbe conservou...” o sujeito-autor reconhece a dor da separação, que pode ser lido como uma crítica ao urbanismo, que faz alterações no ambiente, nesse caso no curso do rio. Essa ruptura reconhece a dor da separação, mas também reivindica a permanência simbólica da ilha como parte identitária da cidade, assim, essas transformações territoriais não impactam apenas o espaço físico como também o sentido de urbano.

Nos trechos “Compões, / Com o rio, a mata, o céu e a terra”, observa-se aqui, pelo funcionamento do discurso, uma tentativa do sujeito-autor de reconciliação simbólica da cidade. Ainda que exista uma separação entre o natural e o urbano, o enunciador produz um gesto de articulação entre o simbólico e o político, entrelaçando a natureza, cultura, memória em um movimento de significação. Essa construção discursiva projeta uma formação imaginária de harmonia e pertencimento, na qual a cidade é representada como espaço de integração e continuidade entre o humano e o ambiental, reafirmando a busca por sentido e identidade no dizer poético.

Dessa forma, a língua(gem) não está fora dos acontecimentos discursivos, tampouco fora da história. Ao contrário disso, a língua(gem) se inscreve na história para poder se significar. Portanto, os sentidos têm relação intrínseca com as formações discursivas, formações ideológicas e as condições de produção da materialidade simbólica. Observa-se, nos textos poéticos, que há um movimento discursivo do discurso fundador, identitário, nacionalista que é atualizado nos dizeres.

Percebe-se que o sujeito-autor ocupa uma posição enunciativa atravessada pela memória discursiva, acionando sentidos históricos e identitários. A separação da península – metaforizada pela expressão “cordão umbilical” – reconfigura a cenografia da beleza natural, expressando uma ruptura no modo de significar a cidade. Ao mesmo tempo, em sua formação discursiva, há uma revalorização da ilha, a autoria emerge no gesto de interpretação que constrói novos sentidos ao urbano.

Por fim, no último movimento do texto poético, enfatiza-se que os sujeitos citadinos não reconhecem ou valorizam a beleza da própria cidade: “Nem percebemos quanto és linda”

(Mendes, 1993, p. 23). Nesse enunciado, evidencia-se o gesto do sujeito-autor em registrar guardar e eternizar a sua cidade através de sua obra poética. Assim, mobiliza uma formação imaginária de pertencimento e preservação, na qual o discurso literário funciona como espaço de resistência simbólica frente ao esquecimento e a indiferença coletiva. Por seus olhos pode-se ver uma cidade outra, uma cidade cheia de história e memórias que Mendes (1993) quer que sejam guardadas e lembradas pelas futuras gerações para não cair no esquecimento. A cidade descrita por Mendes (1993) é viva e nela percebe-se personagens que já foram “esquecidos”, tal como o córrego Sangradouro, ente natural tão esplendoroso, porém, já esquecido, tanto pela população cacerense, quanto pelo poder público.

Os sentidos não estão em evidência, pelo contrário, as palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, através das formações discursivas em que são produzidas por sujeitos inseridos em dadas condições de produção e não outras. Assim, então, é que se trabalha o efeito de autoria, onde pode-se observar que o autor resgata a historicidade e a memória cidadina para se (re)significar, de modo que os sentidos são (re)construídos pelo interdiscurso. Sob a ótica do discurso, o *dito* e o *não dito* significam e são necessários à (re)produção de sentidos, pois explora as várias formas em sua relação com o simbólico.

Nos discursos poéticos de Mendes (1993), a cidade e o rio Paraguai são muito próximos, a tal ponto de não se conceber um sem o outro, estão imbricados de sentidos, estão atados. A cidade de Cáceres nasce por conta do rio Paraguai. A cidade cresce e se desenvolve *nele* e *por* ele. O rio, então, marca a cidade cacerense, a atravessa, faz parte de sua identidade. Significa, com efeito, o bioma Pantanal, a planície alagada e seu ambiente próprio.

Contudo, observa-se o descontentamento da posição-sujeito-escritor no que se refere à falta de ações em manter esse rio esplendoroso. Esse imbricamento Orlandi (2001) descreve como: “As palavras tomando corpo na cidade que, por sua vez, faz sentido na medida em que (corpo do) sujeito e cidade se indistinguem” (Orlandi, 2001, p.64). Cidade e sujeito se indistinguem, reclamando significados.

Vale ressaltar que os textos poéticos de Mendes (1993) fazem alusão, também, às condições de fundação da cidade de Cáceres, como era quando Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres chegou à região, fazendo uma menção do que sentiu ao ver tamanha abundância de água e terras, além da diversidade de fauna e flora. Há um apelo à preservação e conservação do ambiente quando Mendes (1993) faz essa relação do passado de sua infância em que a água era tão limpa e cristalina e que as crianças iam brincar no córrego Sangradouro e, com o passar do tempo, ninguém conseguia ficar perto devido ao mau-cheiro resultante dos detritos e dejetos jogados.

Nos discursos poéticos escritos por Mendes (1993) percebe-se em funcionamento, pela função de autoria, um jogo entre a cidade imaginária e o seu real, ao mesmo tempo em que o sujeito-autor projeta a sua cidade imaginária com as memórias e a beleza natural, traz à tona, também, o real da cidade cacerense, acompanhado de suas vertentes problemáticas. Em alguns momentos, há certa opacidade ao se distinguir o *imaginário* de cidade do *real* de cidade.

Através da autoria, observa-se um jogo entre a cidade imaginária e o seu real. Imaginário entendido, pela Análise de Discurso, como efeito de sentido sustentado pela ideologia que atravessa o sujeito. Assim, o sujeito-autor projeta uma cidade imaginária, constituída de memórias afetivas e paisagens idealizadas, formando a formação imaginária da cidade. Ao mesmo tempo essa cidade imaginária confronta com o real da cidade, a maneira como ela se mostra, uma cidade ressignificada pelo urbanismo, esse jogo discursivo entre o simbólico e o real reverberam sentidos.

Nesse ponto, é possível aproximar a reflexão aqui desenvolvida a de Ítalo Calvino (1990), em sua obra *Cidades Invisíveis*, quando afirma que “Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (Calvino, 1990, p.17). Através da autoria, observa-se um jogo discursivo entre a cidade imaginária e o seu real. De modo que, o imaginário é compreendido efeito de sentido sustentado pela ideologia que atravessa o sujeito, tecida por memórias afetivas e paisagens idealizadas, construindo a formação imaginária da cidade. Essa cidade imaginária se confronta com o real, instaurando uma tensão e ressignificando sentidos.

De acordo com Orlandi (2001), o sujeito, ao dizer sobre a cidade, aciona sentidos históricos e simbólicos ligados ao espaço urbano; assim, esse texto poético reafirma a memória do povo, traz espaços de tensão entre o passado e o presente, além de produzir e deslocar novos sentidos, a partir da separação geográfica da urbe.

Os textos poéticos de Natalino Ferreira Mendes, aqui analisados, não apenas descrevem a cidade, mas a constroem discursivamente. É pela função da autoria que se percebe que o sujeito-autor é atravessado pela memória cidadina, sua relação com a cidade o constitui, não apenas reverberando sentido para si e para o espaço urbano, mas também fazendo emergir a narratividade urbana. A narratividade urbana surge da relação entre espaço, sujeito e memória, portanto, a cidade se mostra, se projeta, se significa, produz sentidos pois também é um acontecimento de linguagem.

3.3 Pelas margens do sentido: o rio na voz do poeta cacerense Odair José

Trabalha-se, nesta subseção, os textos poéticos: *Pôr do sol cacerense* e *Às margens do rio Paraguai*, de Odair José da Silva (2016, 2023), o qual se autointitula: “O poeta cacerense”. Em sua escrita, o autor se significa, inscreve pelo discurso como aquele que tem apreço pelo rio Paraguai, pelo bioma Pantanal e pela arquitetura cacerense. Silva revela, ainda uma relação de sensibilidade e pertencimento com o espaço natural e cultural, encontrando na leitura e na contemplação da natureza fontes de inspiração que orientam sua criação poética de modo simples e criativo.

3.2.1 Texto poético 3: *Pôr do sol cacerense*

Pôr do sol cacerense

Ao rubro sol, derrama-te no horizonte,
Teu derradeiro adeus, sublime esplendor,
Numa dança etérea, feito um doce acorde,
Teu ocaso é poesia, pura beleza de cor.

Teus raios dourados, qual fios de ouro,
Refletem-se no Rio Paraguai, num brilho sereno,
O céu se tingindo, num divino tesouro,
És o pintor etéreo deste belo cenário ameno.

Em tons alaranjados, o céu se veste,
Adeus ao dia, a noite se aproxima devagar,
As sombras crescem, o sol desaparece,
E no meu coração está a magia do sonhar.

E a lua, a reinar, se mostra reluzente,
Oh, pôr do sol! Dos poetas, és a inspiração,
Tu és um eterno soneto na natureza radiante,
Que permanece para sempre em nosso coração
(Silva, 2023).

Pode-se compreender que através do efeito de autoria, observa-se, pelo discurso, as projeções imaginárias sobre a cidade de Cáceres. Pela materialidade linguística, tem-se acesso às ideologias presentes na posição-sujeito-autor, além do fato de que o contexto sócio-histórico deste autor, em específico, é visto como contemporâneo.

Através da função de autoria, observa-se que o sujeito-poeta ocupa uma posição marcada pelo imaginário afetivo, que produz sentidos sobre a cidade de Cáceres, ora funcionando como sujeito-morador, ao contemplar o pôr do sol, ora sujeito-poeta, ao produzir

o efeito de evidência, como se o pôr do sol fosse naturalmente belo, sublime, acionando um discurso estabilizado socialmente. Esse discurso estabilizado é produzido discursivamente ao evocar memórias coletivas a partir de sua posição sujeito-poeta, que valoriza o rio Paraguai como símbolo identitário cacerense.

Na primeira estrofe: “Ao rubro sol, derrama-te no horizonte, / Teu derradeiro adeus, sublime esplendor, / Numa dança etérea, feito um doce acorde, / Teu ocaso é poesia, pura beleza de cor” (Silva, 2023), pode-se observar, pela formulação, que o sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva em que se projeta a cidade permeada por belezas naturais.

Retoma-se o conceito de narratividade urbana desenvolvida por Orlandi (2001), que propõe que a cidade fala por meio de narrativas que os sujeitos constroem sobre ela, nos muros, nos poemas, nas ruas. Assim, o sujeito-poeta transforma um evento meteorológico, um acontecimento corriqueiro, comum, em um modo de narrar a cidade, ao mesmo tempo em que a cidade não é tratada diretamente, mas percebe-se sua presença significativa, como paisagem simbólica.

A posição-sujeito do poeta se apresenta por um gesto interpretativo inscrito ideologicamente na produção de sentidos, de modo que a cidade é marcada por deslocamentos e ressignificações. Assim, a cena enunciativa cria uma paisagem cacerense, especialmente a região da bacia do rio Paraguai, local onde situa-se o cais da cidade, que é elevada ao estatuto de imagem poética e simbólica, como percebe-se na segunda estrofe: “Teus raios dourados, qual fios de ouro, / Refletem-se no Rio Paraguai, num brilho sereno [...] a beleza natural sendo valorizada e enaltecida” (Silva, 2023).

Nesse sentido, na projeção discursiva da cidade, suas belezas naturais não são apenas descritas, mas ressignificadas como lugar de pertencimento e memória afetiva. Todo o dizer se significa a partir de um já dito e que foi esquecido, mas que constitui a memória do dizer no momento em que se diz, quem diz e de onde diz. Sendo assim, a partir dessa memória do dizer é que se constitui os nossos dizeres atualizados e aciona-se, por conseguinte, o interdiscurso, uma filiação repleta de dizeres outros possíveis nessa dada formação discursiva.

O texto poético é marcado por uma romantização das formações imaginárias da cidade de Cáceres de forma que o sujeito-poeta é tocado pela ambiência. Essas formações discursivas são constituídas pelo interdiscurso e pelo não-dito que constitui sentidos que se (re)significam e (re)textualizam a cidade. Conforme afirma Orlandi (2012),

A Análise de Discurso se define pela sua proposta das novas maneiras de ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar,

problematizando as leituras de arquivo, expondo o olhar à opacidade (Orlandi, 2012, p. 86).

O rio Paraguai, sob o crivo do olhar discursivo que se tem da cidade imaginária, é visto esplendorosamente, em todas as suas virtudes. Contudo, o *real* da cidade de Cáceres é outro. Durante todos os anos acontece, na cidade, um mutirão de limpeza do rio Paraguai. Em 2023, por exemplo, foram retiradas cerca de quatro toneladas de lixo do rio Paraguai, segundo dados da reportagem do G1¹¹.

Pode-se observar, com efeito, que a relação da cidade com o ambiente reclama outros sentidos, a cidade imaginária como bela e esplendorosa e o real sendo contraditório. O rio Paraguai se significa enquanto meio de transporte fluvial, é caracterizado por sua beleza natural e, também, enquanto depósito de lixo e outros resíduos altamente degradantes à fauna e flora. Esse fato coloca, em funcionamento, sentidos outros que não de preservação.

Na terceira estrofe, observa-se como a ambiência atua na posição-sujeito do poeta: “As sombras crescem, o sol desaparece, / E no meu coração está a magia do sonhar” (Silva, 2023). Nesse trecho, o pôr do sol é mais do que uma paisagem observada, é um acontecimento simbólico que atravessa o sujeito-poeta, o afetando e constituindo seu dizer. Os tons alaranjados com as crescentes sombras o enchem de magia, o sujeito-poeta sendo interpelado pela paisagem, deslocando sua posição enunciativa. Silva (2023), por meio da posição-sujeito-autor adotada, finaliza o texto poético dizendo que esse momento é inspiração para os poetas, o pôr do sol constitui o dizer do sujeito-poeta, a paisagem, a memória e a subjetividade se entrelaçam discursivamente.

Pode-se ver, nesse recorte, que o espaço urbano constitui sentidos ao sujeito, as cores do pôr do sol, por exemplo, mexem com o seu interior, sujeito e espaço se constituindo mutuamente. Orlandi (2004) salienta sobre essa afirmação quando diz que: “Cenas de que o sujeito participa, sem distância. Não relata de fora. Se narra como parte da cena” (Orlandi, 2004, p. 30). Desse modo, tem-se aqui o efeito de autoria, o sujeito-autor deste discurso o qual assume uma dada posição, a de autor, a faz para fazer significar o que diz e se constitui enquanto sujeito do dizer.

Isso implica afirmar que ao tomar a palavra, o sujeito ocupa uma posição de autor, ou seja, é através das formações discursivas que se tem acesso à ideologia. Nesse enunciado, nota-se a narratividade urbana, em que o sujeito-poeta se coloca lado a lado da cidade, e não como

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/10/09/mutirao-de-limpeza-retira-cerca-4-toneladas-de-lixo-do-rio-paraguai-em-mt.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

à parte dela. A cidade o interpela em sujeito, de modo que há um nível de identificação com a urbe cacerense. Assim, o rio Paraguai torna-se espaço simbólico em que se inscrevem sentidos de pertencimento, identitário, de resistência. O texto poético produz uma cidade discursiva, um espaço imaginado, memorizado, sonhado, e, ao constituir discursivamente uma paisagem sublime, coloca em funcionamento a noção de formação imaginária, de modo que é possível dizer que o sujeito-poeta é constituído ideologicamente. Assim, à primeira vista, parece apenas descrever a paisagem, produzindo um efeito da evidência que faz o sentido parecer dado, natural, transparente. Contudo, seu discurso é atravessado pela memória e pelo discurso identitário, constituindo-se a partir de formações discursivas que circulam sobre a cidade e a significam.

A presença do rio Paraguai é fundamental, pois é um marcador histórico, social, afetivo, identitário. Dessa forma, o texto poético se inscreve no discurso fundador, pois constrói um imaginário cacerense, uma cidade marcada pela beleza natural, contemplação do céu e do rio, harmônica. Contudo, essa naturalização de sentidos da relação entre o sujeito e o espaço como harmônico, apaga outros sentidos, silencia os conflitos urbanos, a degradação ambiental, a ausência do poder público.

O outro texto poético de Silva (2023) a ser analisado trata-se de: *Às margens do rio Paraguai*, texto que conta sobre as belezas naturais, além da história da construção da cidade de Cáceres, relembrando as famílias que foram importantes e a arquitetura. Ademais, o texto coloca à leitura, vertentes críticas ao poder público citadino em relação, por exemplo, ao urbanismo e ao progresso/crescimento desenfreado, em que não considera o meio ambiente, apenas toma e explora desenfreadamente e sem consciência ambiental coletiva, os recursos naturais locais.

3.2.2 Texto poético 4: *Às margens do rio Paraguai*

Às margens do rio Paraguai

Em um dos lugares mais bonitos da terra
 Às margens do Rio Paraguai formoso
 Ergue-se a princesinha,
 Cáceres, de sonho tão ditoso.

Uma cidade bicentenária
 De histórias e lendas sedutoras
 Que abriga em seu seio as diferentes famílias
 Que dessa sociedade são construtoras.

Casarões antigos retratam o passado
De pessoas que aqui lutaram para essa construção
Contrastam com o moderno
De mentes que fazem a revolução.

O pôr-do-sol no cais
É um espetáculo feito pelo criador
Onde os poetas e pensadores
Registram suas histórias de muito valor.

Ao olhar a destruição que fazem contigo
Os olhos choram a tristeza
De uma sociedade ambiciosa
Que só pensam construir a beleza.

Mas, que pensando construir, destroem
As belezas que existem em ti
Modificando, de forma predatória,
Tudo que foi construído aqui.

A Ponte Branca já não existe mais.
Pois, foi destruída sem piedade
Ela que contava grande história da cidade
Hoje, deixa apenas saudade.

Até quando o homem moderno
Que se diz civilizado e progressista
Vai destruir as belezas de ti
Por um ideal narcisista?
(Silva, 2016).

O rio transforma-se em um objeto simbólico de identidade, o sujeito-poeta faz uma cenografia poética da paisagem, pois apresenta a cidade como um espaço de harmonia e inspiração. O rio na poesia urbana cacerense é uma metáfora da memória coletiva, atravessado por valores históricos, afetivos, que inscrevem sentidos de pertencimento, identidade. Sendo assim, os elementos que compõem a cidade no texto poético, sejam eles naturais, históricos ou simbólicos, são elevados ao discurso identitário.

O enunciador ao dizer sobre a cidade, como um lugar de memória e afeto, diz também sobre o seu pertencimento, evoca sentidos de identidade, pois se inscreve em uma formação discursiva que valoriza a paisagem como símbolo da identidade cacerense. Percebe-se, então, que esse ato de jogar com a arte na língua cria mundos em que o sujeito-poeta faz os arranjos poéticos, jogando com o significado e significante, ressignifica dizeres.

No trecho: “Casarões antigos retratam o passado / De pessoas que aqui lutaram para essa construção / Contrastam com o moderno / De mentes que fazem a revolução” (Silva, 2016), examina-se o modo de funcionamento da linguagem, efeitos de sentido que se constroem a

partir do contraste entre o antigo e o moderno no espaço urbano cacerense. Essa característica da cidade entre o presente e o passado materializa a cidade como um espaço discursivo em constante reinscrição de sentidos.

Assim, Silva (2016), pela formulação, toma o “moderno” como sinônimo de “revolução”, isto é, como uma transformação positiva, marcada pela ideia de progresso e renovação. Isso remete à Orlandi (1999a) quando diz que a: “[...] realidade citadina está em constante movimento” (Orlandi, 1999a, p. 13). O *velho* e o *novo*, o *antigo* e o *moderno*, a cidade em constante movimento, as mudanças se movimentando e o sujeito se modificando e modificando as relações sociais. A utilização da palavra “revolução” funciona como um gesto de valorização das transformações urbanas como movimento positivo e necessário. Assim, a “realidade citadina está em constante movimento”, demonstra que a cidade não é uma estrutura fixa e fechada, mas um espaço de disputa simbólica, onde os sentidos se atualizam à medida que o sujeito se modifica e transforma as suas relações sociais.

O espaço arquitetônico, nesse contexto, funciona como arquivo material da memória histórica e como palco do presente, revelando um entrelaçamento entre presente e passado, entre o que foi e o que está sendo construído.

Este texto poético segue na perspectiva da valorização da natureza pantaneira cacerense. Contudo, na quinta estrofe, o sujeito-autor, por meio do discurso, de certa forma, diz sobre o urbanismo e as modificações feitas na urbe que não são bem-vistas: “Ao olhar a destruição que fazem contigo / Os olhos choram a tristeza / De uma sociedade ambiciosa / Que só pensam construir a beleza” (Silva, 2016). Percebe-se, neste trecho, o modo como o sujeito-autor se inscreve em uma formação discursiva traçando a sociedade, o capitalismo que usa os recursos naturais sem medir as consequências.

Nesse sentido, Amossy (2008) afirma que:

[...] todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.
[...] Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa (Amossy, 2008, p. 9).

Dessa forma, é por meio da função de autoria que se tem acesso a essa imagem de si, à qual é construída através do discurso produzido pelo sujeito-autor, de modo que a inscrição de um dado sujeito-autor, no âmbito da subjetividade na língua, marca a construção de sua identificação, pois nos textos poéticos percebe-se que a cidade integra esse sujeito. A identidade, sob o olhar discursivo-materialista, resulta de processos de identificação, ligando-

se à memória e, também, ao espaço. Portanto, a identidade é um movimento que se produz *na* e *pela* história.

Discursivamente, entende-se que esses deslocamentos produzidos são espaços de (re)significação e de subjetivação (Orlandi, 2010). Nesse viés, as ideias recebidas e a imagem que o sujeito-autor (re)constrói, em seu discurso, não são tomadas singularmente. Pode-se compreender, por essa articulação, que são os sentidos postos em funcionamento, pela formação discursiva à qual o sujeito inscreve suas palavras e seus sentidos, impõem os efeitos de sentido a serem postos em circulação.

Orlandi (2001) salienta que se deve “[...] procurar atravessar esse imaginário, pelo político, e ouvir outros sentidos, aproximando-nos do real da cidade e dos sujeitos urbanos em seu movimento, suas rupturas, sua desordem” (Orlandi, 2001, p. 11). Nesse sentido, percebe-se, pelo recorte em questão, uma certa contradição. A sociedade constrói e destrói belezas e, assim, pode-se ver que as modificações em prol do progresso nem sempre valorizam o ambiente, que aos olhos do urbanismo, por exemplo, estão construindo a beleza. Aos olhos do sujeito-poeta, esses processos estão destruindo a beleza natural pantaneira, o capitalismo está, com efeito, modificando a urbe cacerense.

No dizer: “Mas, que pensando construírem, destroem / As belezas que existem em ti / Modificando, de forma predatória, / Tudo que foi construído aqui” (Silva, 2016), observa-se um discurso de constituição do sujeito no cerne do espaço. Espaço o qual é pensado discursivamente, sendo aquele que o sujeito diz de si e de sua constituição, de modo que ler o sujeito é, também, ler sua inscrição espacial, pois elas não se separam.

Ao longo da próxima estrofe, Silva (2016) segue de maneira saudosa ao monumento da antiga Ponte Branca que foi destruída à realização da canalização urbana do rio Sangradouro. Ao dizer, o sujeito-autor põe, em movimento, o sistema linguístico, se significa e coloca à leitura uma rede de sentidos. No enunciado, o verbo “pensar”, flexionado em “pensando”, é marcado por um sujeito indeterminado, isso implica em dizer que a discursividade marca uma posição ideológica, de modo que, como não se sabe quem faz essas ações de destruição, pode ser qualquer um, mas, provavelmente, quem tem poder de decisão, quem pode construir e/ou destruir algo dentro da cidade.

No trecho “A Ponte Branca já não existe mais. / Pois, foi destruída sem piedade / Ela que contava grande história da cidade / Hoje, deixa apenas saudade” (Silva, 2016), nota-se que o sujeito-poeta expressa o apagamento simbólico de um dos marcos históricos significativos da cidade de Cáceres. A destruição da Ponte Branca em nome do progresso aponta uma tensão entre memória e modernização que se materializa no espaço como lugar de disputa de sentidos.

Sua ausência não é apenas física, mas simbólica, pois aciona sentidos silenciados que compõe a cidade.

A ausência da ponte ressignifica a relação entre o dizer e a memória histórica, revelando que a cidade está em constante movimento, tanto material quanto simbólico. O sujeito-poeta, ao significar essa perda, não fala sozinho, é atravessado pelo interdiscurso, outros dizeres que o constituem. Assim, o texto poético se ancora na memória discursiva da cidade, denunciando os efeitos do apagamento patrimonial como um apagamento de si, de sua história e de suas marcas identitárias com a cidade.

Os movimentos de sentidos citadinos ocorrem, conforme discutido ao longo desse trabalho, pela tensão entre a *paráfrase* e a *polissemia*, ou seja, entre a *repetição* de sentidos estabilizados e a abertura de novos, a *ressignificação* que se materializa pela rede de sentidos nas quais se inscrevem. A paráfrase, nesse contexto teórico, é o que permite certa estabilidade no dizer, como a repetição do discurso identitário, já a polissemia aponta para a possibilidade de outros sentidos emergirem a partir de um mesmo significante, como a ausência da ponte, que não representa apenas uma perda, mas uma denúncia contra o apagamento da memória urbana. Posto isso, através desse enunciado, observa-se a cidade sendo ressignificada com a ausência da ponte, ponte à qual permite o acesso de uma margem para outra aos transeuntes, com vários mitos e lendas ao seu redor, uma parte da cultura, um valor histórico que compunha a paisagem urbana.

Sua destruição não apaga apenas um espaço arquitetônico, mas também desestabiliza sentidos consolidados, fazendo emergir novos modos de significação. Assim, atualizando o interdiscurso, ao lamentar a ausência, o sujeito-poeta reinscreve sentidos históricos e culturais de resistência ao silenciamento imposto em nome do progresso. Dessa forma, pode-se ver o funcionamento entre a paráfrase e polissemia como constitutiva dos sentidos urbanos, uma cidade que se diz entre a memória e o esquecimento, entre o que se repete e o que se transforma.

Faz-se necessário retomar que o rio Paraguai desenvolveu um papel importante nas condições de fundação da cidade, compondo a configuração do espaço urbano, pois a cidade nasce às suas margens, além do fato de que o rio Paraguai, por muito tempo, foi sinônimo de desenvolvimento. Dessa maneira, pode-se afirmar que o rio Paraguai é a própria cidade, porque a constitui, marcando e significando a paisagem urbana cacerense.

Pela perspectiva teórica da análise de Discurso, compreende-se que o sujeito é constituído na e pela linguagem, o que implica dizer que sua relação com o mundo se dá através dos sentidos produzidos nas formações discursivas às quais está historicamente vinculado. Assim, a ideologia entra em funcionamento a cada tomada da palavra, ou seja, não é um

conteúdo que se agrega ao discurso, mas sim seu próprio funcionamento ativado a cada vez que o sujeito toma a palavra.

É nesse movimento que se evidencia o efeito de autoria, através da posição discursiva que o sujeito-poeta toma e produz sentidos, como observa-se na tensão da lógica urbanística. O sujeito-poeta assume uma postura crítica ao urbanismo que, ao privilegiar uma ideia de “melhor funcionamento” da cidade, acaba por negligenciar o ambiente e apaga memórias históricas inscritas no espaço. Essa posição de apagamento de elementos naturais e simbólicos da paisagem urbana mostra-se como uma posição política, em que denuncia os efeitos desse urbanismo predatório. Desse modo, o dizer poético se inscreve como espaço de resistência, onde a memória, o pertencimento e a paisagem são mobilizados contra os sentidos hegemônicos do progresso, mostrando que a cidade também é lugar de disputa de sentidos.

3.4 Encantos discursivos de Cáceres: a poética urbana de Antonio José Ferreira da Costa

Antonio José Ferreira da Costa é filho de autênticos pantaneiros. É amante da natureza e tem, por hábito, plantar árvores nos espaços públicos da bicentenária cidade. Foi contagiado pela leitura e escrita ainda criança. Escreveu o livro *Pantanal em versos e rimas* (2008) que é a fonte da nossa materialidade discursiva. Esse poeta mantém um *site* em que registra as memórias e histórias sobre pessoas, autoridades e acontecimentos marcantes. A poesia é inspiração de tudo aquilo que está ao seu redor, citadinos, natureza, animais, tudo que o encanta. Sua relação com a cidade de Cáceres é de pertencimento afetivo, ambiental e histórico.

Foi selecionado para análise o texto poético *Cáceres e seus encantos*, publicado em seu livro *Pantanal em versos e rimas*, que constitui a base material da nossa análise. Nele o poeta constrói, pela arte na língua, uma imagem discursiva da cidade, ativando sentidos de memória, da história, da subjetividade. É pela linguagem que o sujeito se constitui, é pela poesia que a cidade significa discursivamente.

3.4.1 Texto poético 5: *Cáceres e seus encantos*

Cáceres e seus encantos

Cáceres da Catedral de São Luiz;

Povo amigo, hospitaleiro, festeiro, de
Religiosidade mil.

Cáceres do rio Paraguai;
No encanto da magia do pôr-do-sol que se vai, se renovam as esperanças
num compromisso de preservação ...

Cáceres das bicicletas;
No pedalar tranquilo de sua gente a estampa viva de gerações que se
sucodem sem perder a tradição.

Cáceres das ruas estreitas;
Histórias, lendas suspeitas, causos e tradições. Cenário perfeito para
muitas inspirações.

Cáceres das morenas bonitas;
Sorrisos que encantam na formosura perfeita de uma sintonia ímpar
da mulher que deleita.

Cáceres dos antigos casarões;
Abrigo indelével de famílias, nomes e sobrenomes que fizeram a nossa
história perpetuar além das gerações.

Cáceres e suas fazendas históricas;
Descalvados, a maior das charqueadas,
Fundada por industrial argentino,
Que a vendeu a uma empresa belga
Exportava carne, couros, ossos,
Chifres, crina e gordura,
Tinha grande estrutura.

Barranco Vermelho, outra riqueza
História de construção antiga e bela,
Revela imponência de uma época
De muita fartura em meio a tanta investidura.
Ressaca, Jacobina e Facão
Tradição na produção de açúcar e aguardente,
Que atendia exportação.

Fazendas que perduram
No tempo e merecem visita.

Luiz de Albuquerque sabia disso,
Duzentos anos atrás,
Aqui desfraldou sua bandeira,
Estampou a semente da paz,
Do progresso e do amor que transborda os corações
(Costa, 2008, p. 19-20).

Vislumbra-se pelo discurso, no texto poético de Costa (2008), projeção imaginária de sentidos sobre o espaço urbano e ambiental. A Catedral, os casarões antigos, o rio Paraguai, as ruas estreitas, as fazendas históricas, não são apenas marcos físicos, são monumentos simbólicos, que ativam o interdiscurso e configuram a cidade como espaço de sujeitos e de resistência.

No trecho, “Cáceres da Catedral de São Luiz; / Povo amigo, hospitaleiro, festeiro, de Religiosidade mil” (Costa, 2008, p. 19), o poeta inicia retomando dois monumentos históricos, umas das primeiras construções de cidade que são: a igreja e a praça da matriz, para assegurar o domínio português sobre as terras conquistadas (Mendes, 2009). Tal monumento demorou cerca de quarenta e cinco anos para ser terminado e inaugurado, pois ruiu algumas vezes, despertando a imaginação do povo, criando até uma lenda, a “Lenda do Minhocão”, em que uma grande serpente reside abaixo da igreja, presa, apenas, por três fios do cabelo de Maria.

Em conformidade com Orlandi (2004), entende-se que o sujeito que se individualiza em seus modos de dizer, identifica-se e (se) produz nos sentidos que, afinal, vão significar a cidade. Assim, a relação do sujeito-poeta com a cidade de Cáceres, com a sua história e cultura, assume uma dimensão de corporeidade, pois é no gesto de enunciar que ele se significa e significa espaço urbano. Desse modo, o sujeito se significa e se coloca enquanto sujeito-autor produz sentidos na leitura e compreensão que se faz da cidade.

No enunciado: “Cáceres do rio Paraguai; / No encanto da magia do pôr-do-sol que se vai, se renovam as esperanças / num compromisso de preservação [...]” (Costa, 2008, p. 19), percebe-se o modo como a cidade é significada pelo sujeito-autor, que aciona sentidos ligados à natureza e à temporalidade, o rio funcionando como um espaço de memória. O verso “compromisso de preservação” instaura um gesto de resistência, pois o sujeito-escritor se ancora em uma formação discursiva ambiental que tensiona o discurso do urbanismo em favor da manutenção da vida e da natureza.

Portanto, pode-se ver, a partir desse recorte, o rio Paraguai se transformando em um agente histórico da cidade de Cáceres. Entende-se, conforme Motta (2009), que “o rio Paraguai se abre para gestos de leitura e interpretação”. O propósito desse estudo não é, com efeito, apontar as múltiplas funções do rio Paraguai, mas sim, de discutir as condições de produção dos discursos que se materializam na poesia dos autores escolhidos, além de perceber as relações de sentido do rio Paraguai com a cidade. Não cabe, pois, que se faça uma leitura sobre o rio Paraguai em separado da cidade de Cáceres, sem que o compreenda como um *todo*-texto.

No enunciado “[...] num compromisso de preservação [...]” (Costa, 2008, p. 19), o autor mostra a inscrição em uma formação discursiva de resistência, convoca, ainda que implicitamente, os demais sujeitos citadinos a compartilhar esse compromisso. Entretanto, essa convocação é feita sem um destinatário explícito, produzindo um efeito de silenciamento. Há uma indeterminação, quem afinal deve assumir esse compromisso de preservação? O poder público ou a população?

Esse apagamento produz efeitos ideológicos, pois, embora se apresente como uma convocação universal, é, na verdade, resultado de condições de produção específicas que determinam o modo como os sentidos se estabilizam no discurso. Assim, o sujeito-autor se inscreve como sujeito de resistência, além de produzir um gesto de interpretação que exige que o leitor se posicione frente ao não dito. Essa convocação velada tensiona fronteiras entre responsabilidade individual e coletiva no processo de preservação do patrimônio, da cultura e da memória urbana.

A subjetividade, enquanto efeito de linguagem, acontece na forma como o sujeito-escritor se projeta em relação ao espaço urbano. Em: “Cáceres dos antigos casarões; / Abrigo indelével de famílias, nomes e sobrenomes que fizeram a nossa / história perpetuar além das gerações” (Costa, 2008, p. 19), observa-se que é por meio dos textos poéticos que se tem acesso à materialidade significativa, ao discurso de constituição e identificação dos sujeitos que formulam e dizem. Observa-se que, mais uma vez, o sujeito-poeta faz referência a monumentos históricos, fazendo um resgate da memória histórica de Cáceres, do período pré-colonial e de sua importância sócio-histórica para Mato Grosso, por exemplo. Assim, esses casarões são suportes de memória, ao serem significados poeticamente, resistem ao apagamento.

Para Orlandi (2009), “O discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por / para sujeitos” (Orlandi, 2009, p. 17). Observa-se, pelo recorte em questão, a historicidade da cidade sendo exaltada, além da valorização das famílias que foram essenciais à fundação da cidade de Cáceres. Através do enunciado, observa-se um enaltecimento da arquitetura citadina e de sua historicidade. O sujeito-autor retoma os monumentos históricos pelo uso dos termos “antigos e indelével”, sintaticamente, são adjetivos usados para qualificar a cidade de Cáceres. Segundo Bindandi (2016):

Tomamos, então, a arquitetura dos casarios do centro histórico como monumentos, compreendendo que os monumentos são considerados parte do patrimônio cultural de um determinado povo ou nação. Estes servem como elo entre o presente e o passado, em um movimento não dicotômico e maniqueísta que coloca os dois termos como antiéticos, mas discursivamente, pelo funcionamento da memória, na qual os termos produzem sentidos de continuidade e de imbricação, uma vez que os casarios têm uma história de constituição que continua a produzir seus efeitos. Daí carregar sempre novas significações (Bindandi, 2016, p. 18).

Desse modo, pela função sujeito-autor, por intermédio do que se inscreve na ordem do simbólico, da poesia na língua, observa-se a tentativa de resgatar a importância desses monumentos, de sentidos passados, em um movimento de ressignificação arquitetônica,

colocando, em funcionamento, a atualização da relação da língua com a história, fazendo desse monumento um acontecimento discursivo¹².

A poesia, nesse movimento, exerce uma função política, pois torna visível o modo como a cidade se constitui simbolicamente no e pelo discurso. A articulação entre o espaço, arquitetura e memória é central no poema, revelando como o discurso poético ressignifica a cidade, de forma onde a natureza, a história, a religiosidade, afetividade e resistência se entrelaçam. As fazendas históricas, por exemplo, evocam um tempo de fartura e tradição, contudo, denunciam a necessidade de preservação e visitação, assim, reescrevendo sentidos na contemporaneidade.

Segundo Orlandi (2010): “[...] os processos e as condições de produção da linguagem [se dão] pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o seu dizer” (Orlandi, 2010, p. 16). Dessa forma, a constituição dos monumentos históricos no centro histórico de Cáceres, permite pensar que as condições de produção do espaço, em sua relação com o contexto social, estabelecem sentidos *de e para a* cidade.

No trecho: “Fazendas que perduram / No tempo e merecem visitação” (Costa, 2008, p. 20), a projeção da cidade pelos monumentos históricos tem relação com o *real* da história que é a contradição. É a partir da contradição e do confronto que se permite compreender o modo como o monumento histórico e as discursividades *sobre* a cidade produzem sentidos *dos/para* os sujeitos (Bindandi, 2016). É pelo funcionamento discursivo que se tem acesso aos sentidos dos casarios e do passado fazendo-se presente na atualidade, pois é pelo simbólico que eles produzem sentido à sociedade contemporânea e a outras maneiras de significar. Sendo assim, pode-se dizer que os monumentos históricos são modos de ligação do passado que emerge sentidos *de e para a* cidade.

Pode-se afirmar que os monumentos da cidade de Cáceres ligam-se a um momento da história, constitutivo do passado e que é reformulado pela memória discursiva que ao mesmo tempo em que o distingue, o compõe. Dessa forma, é pela memória discursiva, construída histórico-ideologicamente que os indivíduos se constituem em sujeitos, conferindo sentido de identidade a cada sujeito cidadão cacerense. Desse modo, segue-se essa estrutura de valorização patrimonial ao longo de todo o texto poético, retomando as fazendas históricas e o

¹² Segundo Pêcheux (1997), o acontecimento discursivo é definido como um: “[...] ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 1997, p. 17). Desse modo, um fato e a forma em que tal fato foi circulado socialmente, atualiza-se os seus sentidos na memória coletiva social.

desenvolvimento da região a partir delas e fazendo um pedido, o de visitação a esses monumentos que fazem parte da constituição da cidade.

É o efeito de autoria que nos permite compreender esse funcionamento discursivo, que marca a relação entre a cidade de Cáceres, os sujeitos e os sentidos que se instalam no espaço urbano. Assim, essa relação entre o antigo e o moderno produz um apagamento. A contemporaneidade traz novos modelos de casas e novas fachadas que vão ressignificando toda a urbe. É por meio da linguagem poética que a cidade é erguida, não apenas em concreto, mas em sentidos. A partir das análises compreende-se como o discurso identitário se dá através de uma narratividade urbana que acolhe a memória, o ambiente e o sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O homem sentiu sempre – e os poetas
frequentemente cantaram – o poder fundador da
linguagem, que instaura uma realidade
imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que
ainda não é, traz de volta o que desapareceu.
(Émile Benveniste).*

No decorrer da realização desta pesquisa, as reflexões construídas, as leituras feitas e a imersão teórico-metodológica articulada no corpo do texto, levam a compreender os modos de significação da cidade de Cáceres-MT através dos textos poéticos de Mendes (1993), Silva (2016,2023) e Costa (2008), quais sejam: *Córrego Sangradouro, Ilha de Cáceres, Pôr do sol cacerense, Às margens do Rio Paraguai, Cáceres e seus encantos*. Foi proposto uma leitura discursiva da cidade cacerense, buscando compreender como ela é significada pelos efeitos de autoria presentes nos textos poéticos, nos quais atualiza a memória, subjetividades e posições ideológicas.

Para que esse movimento fosse possível, buscou-se compreender como a cidade se diz e é dita nas poesias, mostrando que o discurso poético funciona como um espaço de produção de sentidos sobre o urbano. Nesse sentido, procurou-se compreender como a cidade é historicizada, como o sujeito-poeta estabelece relações de sentidos entre a língua e o espaço urbano, além do funcionamento discursivo da memória, imbuídos pela assertiva de que a língua escapa aos domínios dos sujeitos os quais têm a noção de ser a origem de seus dizeres, sustentado pela materialidade da língua. Esse é, pois, um dos efeitos que a ideologia provoca no sujeito, o qual pensa dominar os sentidos. Contudo, foi viável trabalhar com o que é possível ser dito, de acordo com a posição-sujeito que se ocupa em uma dada formação discursiva, uma vez que como sujeitos da língua(gem), se é pego na poesia da língua.

Em vista disso, percebe-se que as condições de produção dos materiais de análise funcionam enquanto determinações sócio-históricas, e que os sentidos de cada texto poético são determinados por isso, ou seja, pelos sentidos da língua em funcionamento na história. É na relação entre a materialidade significante e a história que os sentidos se produzem. A partir do efeito de autoria observa-se, pois os sentidos possíveis de forma que o equívoco é constitutivo da língua(gem).

A posição-sujeito assumida por cada autor aponta que os sentidos dos textos não são livres, nem aleatórios, mas sim determinados pelas condições sócio-históricas de produção e pelas formações discursivas que os atravessam. Desse modo, os sentidos da cidade de Cáceres

emergem na relação entre a materialidade significativa e a memória, entre a história e o simbólico, possibilitando diferentes perspectivas sobre o espaço urbano.

A partir da memória discursiva, os enunciados pré-construídos retornam em novas formações discursivas, estabelecendo relações de sentido com o já dito, em um movimento de sentidos que funcionam entre a memória e a contemporaneidade. A sociedade contemporânea está em constante movimento. Por conseguinte, as cidades vão sendo constantemente ressignificadas, mudanças das quais não passam despercebidas pela posição-sujeito-poeta que se apropria da língua(gem) enquanto um espaço possível de (re)existência.

Dessa forma, a memória discursiva desempenha um papel fundamental nos poemas, os enunciados circulam, retornam, e se reinscrevem em novas formações discursivas, em um movimento de repetição e deslocamento. Esse movimento mostra que os sentidos sobre a cidade estão sempre em disputa, e que o sujeito-poeta ao se apropriar da língua, se inscreve na linguagem, transformando o seu texto poético em lugar de (re)existência.

Compreende-se que a língua(gem) não se constitui por uma unidade fechada, uma vez que permite múltiplas formações discursivas em que os sujeitos podem se (re)inscrever no discurso, interpelados pela ideologia, assumindo uma dada posição e, assim, produzindo novos sentidos, novas compreensões, novas leituras. Desse modo, o sujeito está condicionado à língua e à história, além de ser afetado pelo inconsciente para poder constituir-se *na/pela* língua(gem), ou seja, o sujeito-autor é um sujeito de língua(gem), constituído pelo simbólico que o atravessa, o que permitem a produção de novos sentidos, novas leituras e novas compreensões sobre si e sobre a cidade.

A posição-sujeito-autor submete-se à língua para significar e existir pelo simbólico. Portanto, o sujeito-autor constitui-se *no/pelo* texto poético. Percebe-se, então, nos textos poéticos em análise, as formações imaginárias da bicentenária cidade de Cáceres-MT em diferentes formações discursivas, ao passo em que se depara com *o mesmo* e *o diferente*, o mesmo objeto de análise com perspectivas diferentes, com histórias apagadas e incômodos, significando o sujeito-autor e o seu espaço de *ser* e *estar*.

Na análise pôde-se observar diferentes efeitos de autoria, nos quais os sentidos da cidade são diferentes. Em Mendes (1993), percebe-se a inscrição de um sujeito que entrelaça o processo de colonização com a história da cidade, em uma tentativa de reforçar sentidos de pertencimento e de identidade cacerense. Através da paráfrase, a cidade é significada como espaço de origem, valorização e orgulho patriótico. O sujeito-autor assume uma posição de entremeio, entre as suas memórias e a memória discursiva, marcada pela memória citadina.

Percebe-se, com efeito, o funcionamento de uma recriação memorialista, em que ao falar do passado produz-se efeitos sobre o presente.

Nos textos poéticos de Silva (2016,2023), o sujeito-poeta se constitui na relação da cidade e suas perdas (materiais, simbólicas, afetivas). A identificação com a cidade se dá justamente nas ausências e na consciência de que a cidade, ao se transformar, também o transforma, o sujeito se ressignifica e se modifica. O espaço tem modos de se significar, ou seja, ele tem sua própria materialidade e não é indiferente aos possíveis sentidos. Os efeitos de autoria mostram que o espaço urbano é uma construção social que se inscreve na linguagem, e que ganham sentidos à medida que os sujeitos se significam nele. Isso implica dizer, então, que o ambiente é uma construção social que se significa naquilo em que o sujeito se significa.

No texto poético de Costa (2008), observa-se uma imbricação entre a posição-sujeito-poeta e os elementos culturais, ambientais e afetivos que constituem Cáceres. O autor mobiliza redes de significantes que resgatam memórias locais, ativam a religiosidade, os monumentos históricos e o rio Paraguai como marcas de identidade cacerense. Esses acontecimentos marcam sentidos, elas dizem *sobre* seus sujeitos, seus espaços citadinos e sua própria contradição ao tomar uma posição discursiva dada na história.

Os poemas analisados ressignificam também os sujeitos-poetas, pois se inscrevem na linguagem a partir da memória, de posições ideológicas, experiências e da história. Ao mobilizar a linguagem poética, instituem modos de dizer, de ver a cidade, de mostrar a cidade, tensionando o presente e o passado, o visível e o simbólico, o individual e coletivo.

Entende-se que novas compreensões são possíveis a partir da leitura deste trabalho, especialmente porque a posição-sujeito-analista de discurso, também interpelada pela ideologia, está em constante movimento e formação, além de ter a função de questionar a literalidade e a superficialidade dos sentidos. Assim, ao propor analisar o discurso poético urbano, este trabalho contribui para ampliar os modos de leitura da cidade, sobretudo, a compreensão de como a linguagem produz e é produzida no espaço urbano, nos quais os sujeitos se significam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eliana de. Na relação língua/poesia: as versões dos brasis e sujeitos nacionais. **Fragmentum**, Santa Maria, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL), Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), n. 47, jan./jun., 2016. ISSN: 2179-2194. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/21648/15095>. Acesso em: 15 mar. 2024.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. 208 p.

DIAS, Cristiane Pereira da Costa; COSTA, Greciely Cristina da; BARBAI, Marcos Aurelio (org.). **Artefatos de Leitura**. São Paulo: LABEUB, 2020. 209 p.

BARROS, L. R.; SOUZA, C. A. (2012). Avaliação do grau de degradação e impactos associados na bacia hidrográfica do córrego Sangradouro, Cáceres – MT. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, n.16, p.71–91, nov. 2012. PDF: encontrado no repositório da revista. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/598>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BINDANDI, Welliton Martins. **Tombamento do centro histórico de Cáceres-MT: espaço de (re)significação e identificação do/para o morador**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística (PPGL), Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Cáceres, 2016. 124 p. Disponível em: <https://portal.unemat.br/media/files/Welliton-Martins-Bindandi.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2024.

CHAVES, Otávio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo de. **História e Memória de Cáceres**. Cáceres: Editora Unemat, 2011. ISBN 978-85-7911-061-0.

COSTA, Antonio José Ferreira da. **Pantanal em versos e rimas**. Cuiabá: KCM, 2008. 122 p.

DIAS, Cristiane Pereira; COSTA, Greciely Cristina; BARBAI, Marcos Aurelio. (org.). **Artefatos de Leitura**. Campinas: LABEUB/NUDECRI/Unicamp, 2020.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In: Ditos e escritos: estética, literatura e pintura, música e cinema*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. 512 p. (p. 1-44).

HERBERT, T. [PÊCHEUX, Michel]. Observações para uma teoria geral das ideologias. Carolina M. R. Zuccolillo, Eni Puccinelli Orlandi e José Horta Nunes (Trad). **Revista Rua**. v. 1, 1995. p. 63-89.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [*et al.*] – Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

MALUF-SOUZA, Olimpia. **Vozes urbanas: gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade**. Campinas: Unicamp, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Elementos de linguística para o discurso literário**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, Natalino Ferreira. **Anhuma do Pantanal**. Cáceres: Gráfica e Editora Pe Berthier, 1993. 103 p.

MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres**: história da administração municipal. 2. ed. Cáceres: Unemat, 2009. 224 p.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga R. da. **O ambiente no discurso jurídico da política pública urbana no estado de Mato Grosso**. 2009 (Tese de Doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, SP: 2009.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. A territorialização de sentidos entre o Rio Paraguai e a cidade. **RevLet**: Revista Virtual de Letras, Volume 2, número 02/2010 ISSN:2176-9125.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. O discurso da normatização da terra. n. 17. v. 2. **Revista RUA**, 2011. ISSN 1413-2109. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/pdf/17-2/7-17-2.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Mutirão de limpeza retira cerca 4 toneladas de lixo do Rio Paraguai em MT. **Portal G1 Mato Grosso**. Cuiabá, 09 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/10/09/mutirao-de-limpeza-retira-cerca-4-toneladas-de-lixo-do-rio-paraguai-em-mt.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2023.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez, 1990. 260 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos**, n. 4, Campinas: LABERURB, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (org.). **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso Fundador**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004, 159 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007. 150 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. **Entremeios: Revista de estudos do discurso**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2012. 220 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. N/O limiar da cidade. **RUA**, Campinas, v. 5, p. 7-19, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640678>. Acesso em: 02 mar. 2024.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, julho/dezembro, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi (Trad). 5 ed. Campinas: Pontes, 2008. ISBN 978-85-7113-2.

SANTANA, M.F.; CUNHA, S. B. Intervenções em canais urbanos e suas repercussões: bacia hidrográfica do córrego Sangradouro, Cáceres-Mato Grosso. In: **Revista Eletrônica Geografar**, Curitiba, v. 14, n.2, p. 210-225, jul. a dez./2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **O Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; com colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27° Ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.

SILVA, Odair Jose. **Poesias Cacerenses**. Disponível em: <https://odairpoetacacerense.blogspot.com>. Acesso em: 12 ago. 2023.